

Geografia

O geógrafo Aziz Ab'Sáber fala dos livros essenciais na sua área

Contos populares

Histórias envolventes fazem a ponte do oral para o escrito

lepê, cidade que lê

Município paulista de 7 mil habitantes suplantou quase todas as capitais na *Prova Brasil*. O segredo? Um bom projeto de incentivo à leitura



Ricardo Azevedo – Escritor fala de seu itinerário de leituras



Expediente

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário Executivo

José Henrique Paim Fernandes

Secretário de Educação Básica

Francisco das Chagas Fernandes

Diretora de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental

Jeanete Beauchamp

Coordenadora-Geral de Estudos e Avaliação de Materiais

Jane Cristina da Silva

Equipe Técnica

Andréa Kluge Pereira

Cecília Correia Lima

Elizângela Carvalho dos Santos

Ingrid Lilian Fuhr Raad

José Ricardo Albernás Lima

Maria José Marques Bento

Tayana de Alencar Tormena

Jornalista Responsável

Adriana Maricato - MTB 024546/SP

Editor

Ricardo Prado

Consultora Pedagógica

Maria José Nóbrega

Reportagem

Maria Lígia Pagenotto (texto)

Luiz Dantas (fotos)

Colaboradores

Edmir Perrotti

Francisco Gregório Filho

Regina Zilberman

Vera Masagão

Projeto gráfico e editoração

Carlos Neri e Eduardo Trindade /

Estação Gráfica

Foto da capa

Luiz Dantas

LeituraS é uma publicação da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, produzida pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental/COGEAM e financiada pelo Projeto 914BRA1113 - UNESCO.

Novembro de 2006

Luiz Dantas



12 Uma cidade leitora

Iepê, no interior de São Paulo, mergulhou de cabeça nos livros e fez da promoção da leitura seu diferencial na educação. Já colhe bons resultados com isso. E Edmir Perrotti, especialista em políticas públicas de leitura da Universidade de São Paulo, assina embaixo.

6 Memória de Leituras

Entrevista com Ricardo Azevedo

Com uma obra vigorosa e instigante, o escritor e ilustrador defende que a escola se abra às tradições da cultura popular e mostra como se inspira a partir de recortes de jornais.

10 Um conto, duas versões

Um bicho-preguiça precisa se apressar. Deste paradoxo nascem duas adaptações e uma proposta pedagógica de trabalho em classe.

24 Um certo olhar

Regina Zilberman, professora de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira na PUC-RS, faz um passeio literário entre as obras infanto-juvenis do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

26 Outras Leituras: Fotografia

Como se lê uma imagem? Estudiosos e fotógrafos mostram, com exemplos, como apurar o olhar para "ler" uma fotografia.

34 Outros Olhares

A educadora Vera Masagão, da organização não-governamental Ação Educativa, reflete sobre leitura a partir dos índices de alfabetismo funcional.

40

Aziz Ab'Saber, do Instituto de Estudos Avançados da USP, fala de obras essenciais em sua área de conhecimento, a geografia.

Luiz Dantas



A formação de leitores



“Não propomos apenas a leitura literária, ou a leitura cotidiana, mas a leitura como forma de participação social.”

Caros Professores e Professoras,

Estamos muito felizes em apresentar aos professores do Brasil esta publicação. **LeituraS** pretende ser um incentivo ao desenvolvimento da tão necessária competência leitora no ambiente escolar. O que pretendemos, com **LeituraS**, é explorar, juntamente com você, as potencialidades de aprendizagem que a leitura encerra.

Uma política de formação de leitores deve estimular práticas de leitura diversificadas, valorizando diferentes textos, em diferentes suportes. Mas se a condição de acesso aos livros é básica, ela não é suficiente. A formação do professor é, juntamente com o acesso, condição para que se efetive uma proposta de leitura no âmbito da escola. Se se pretende incentivar o professor a ser ele próprio um leitor, além de um formador de leitores competentes, é preciso fomentar o debate permanente sobre a leitura e fornecer instrumentos para que esse debate e a prática da leitura se efetivem no ambiente escolar.

Queremos provocar a reflexão sobre formação de leitores, levando aos professores boas experiências de municípios, como a da pequena lepê, no interior paulista, que já colhe resultados bem concretos de seu investimento em políticas públicas de promoção de leitura. Ou, ainda, reflexões sobre outros tipos de leitura (justificando, assim, o “S” destacado de nosso título), como a leitura de imagens fotográficas, de quadros, de músicas, da linguagem teatral etc. Nossa revista também traz sugestões de trabalho pedagógico, além de opiniões e artigos assinados por especialistas no tema.

Não propomos apenas a leitura literária, ou a leitura cotidiana, mas a leitura como forma de participação social. O que estamos propondo são diferentes formas de leitura que se intercalem e se complementem, com a intenção de formar um mosaico das diferentes formas de manifestação cultural e social.

Aos professores brasileiros, boas **LeituraS**.

Escreva para:

LeituraS

✉ leituras@mec.gov.br

Secretaria de Educação Básica, Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental

Coordenação-Geral de Estudos e Avaliação de Materiais – COGEAM

Ministério da Educação, Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Sala 612, Brasília/DF

CEP: 70.047-900 – Telefone: (61) 2104.8636

A pátria é minha língua

O Museu da Língua Portuguesa, inaugurado recentemente junto à Estação da Luz, em São Paulo (SP), é um monumento vivo e dinâmico de nossa formação lingüística. Por meio de diversos recursos audiovisuais a mostra permanente convida profes-

sores e alunos a passearem ao longo da história de nossa língua, desde a formação do Estado Português (e antes disso, a consolidação do latim vulgar), passando pelas contribuições vocabulares de negros, índios e imigrantes, e chegando até os códigos da língua escrita na internet. Apostando na interatividade para atrair os estudantes, o museu tem atrações lúdicas como Palavras Cruzadas, um jogo de tótons com informações sobre as diversas influências da língua portuguesa, a Praça da Língua, que propõe uma antologia em prosa e verso regada a boa música, e o Beco das Palavras, uma divertida brincadeira de formar palavras a partir de fragmentos que flutuam em uma mesa interativa.

No primeiro andar, com direção artística de Bia Lessa, a exposição *Grande Sertão: Veredas* traz fragmentos da obra-prima de Guimarães Rosa, que podem ser lidos diretamente de reproduções de originais datilografados pelo autor. Sons de cavalgadas e ladainhas do sertão, trechos da obra lidos pela cantora Maria Bethânia e alguns exemplos de curiosas listas de palavras colecionadas pelo autor (tais como nomes russos, instrumentos musicais com a letra C, descrições de passarinhos etc.) recriam a atmosfera e a trajetória dos principais personagens do romance. Para quem não leu, é um estímulo para conhecer a obra, que completou 50 anos de sua primeira edição. Aos que já realizaram a travessia do romance, serve para lembrar: “o real não está nem na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

O Museu da Língua Portuguesa funciona de 3ª a domingo, das 10h às 18h, na Estação da Luz, Centro de São Paulo. Ingressos para estudantes e professores da rede pública: 2 reais; demais visitantes: 4 reais. Para mais informações, acesse o site www.museudalinguaportuguesa.org.br



O mundo de Guimarães Rosa no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo

“ELES PASSARÃO, EU PASSARINHO”



Mario Quintana completaria 100 anos em 30 de julho de 2006. Este gaúcho nascido em Alegrete sempre foi avesso a badalações e homenagens – dizia preferir os atentados – mas foram muitas as palestras, exposições e manifestações na imprensa por ocasião

de seu centenário. Poeta do instante capturado e eternizado em verso, dos retratos da infância, do humor, da ironia e do fino sarcasmo, Quintana demonstra uma percepção refinada para transformar o próprio cotidiano em poesia. Um passeio mais atento pela obra do poeta pode trazer boas surpresas. O site www.estado.rs.gov.br/marioquintana foi criado especialmente para comemorar o centenário do poeta. Nele, é possível encontrar poesias, artigos, depoimentos e fotos. Já no endereço www.ccmq.rs.gov.br é possível encontrar informações sobre a Casa de Cultura Mario Quintana, espaço cultural criado no hotel onde o poeta morou por muitos anos.

Quintana para crianças

Batalhão das Letras. Porto Alegre: Globo, 1948. 2ª Edição em 1984.

Pé de pilão. Porto Alegre: Garatuja, 1975. Poema narrativo que conta a história de um menino que virou pato, com introdução de Érico Veríssimo e ilustrações de Cárcamo, faz parte do PNBE/2005, acervo11.

Lili inventa o mundo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. Coletânea de poemas selecionados por Mery Weiss. Embora o título remeta a um público infantil, seus textos agradam leitores de todas as idades.

Nariz de vidro. São Paulo: Moderna, 1984. A coletânea de textos, também selecionados por Mery Weiss, é mais adequada para alunos do segundo segmento do ensino fundamental.

O sapo amarelo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. Seguindo a linha de versos bem humorados e líricos ao mesmo tempo, *O Sapo Amarelo* proporciona bons momentos de leitura.

Sapato furado. São Paulo: FTD, 1994. Ilustrações de André Neves. *Sapato furado* é, de todos os livros infantis de Quintana, o que apresenta temática mais densa, mas com um tratamento que contribui para a fruição dos textos.



Luiz Dantas

“Oralidade é porosidade”

O escritor Ricardo Azevedo fala de seu fascínio pelas histórias nascidas da tradição oral, que sofrem influência de quem as conta e de quem as ouve

Quando o escritor, ilustrador e pesquisador **Ricardo Azevedo** leu, aos 16 anos, três contos infantis de um escritor suíço chamado Peter Bichsel, decidiu que gostaria de escrever daquele jeito. Pouco tempo depois, publicaria seu primeiro livro – e não pararia mais. Com dezenas de livros publicados por várias editoras, a maioria ilustrada por ele mesmo, Ricardo vem fazendo outro trabalho igualmente importante como pesquisador da cultura popular. Já recriou mais de uma centena de mitos, lendas e contos do imaginário brasileiro. Ele defende que essa cultura que tem origem na tradição oral – incluindo suas variações musicais, como o samba – deveria ter uma presença mais forte na escola. Ao reconhecer na forma escrita uma história já ouvida no ambiente familiar, esta criança passaria a valorizar os saberes que seus pais possuem, ao mesmo tempo em que se sentiria estimulada a dominar a forma escrita. Nesta entrevista concedida ao editor de **LeituraS**, Ricardo Prado, o escritor fala de seu itinerário como leitor, suas principais influências artísticas e literárias e onde, na sua opinião, a escola acerta e erra no estímulo à formação de novos leitores.

Como começa seu itinerário de leitor?

Eu vim de uma casa com muitos livros. Meu pai era professor universitário de Geografia, minha mãe também gostava de ler, e isso marcou muito minha vida e de meus irmãos. Mas, se meus pais eram ávidos leitores, eles jamais me indicaram um livro; eles estavam lá para serem usados. Não me lembro do meu pai dizer “leia tal livro”. Nós tínhamos um sítio perto de São Paulo para onde iam os livros que não cabiam mais em casa. Lá, quando anoitecia, cada um escolhia um volume e mergulhava nele. Nessa época de menino eu “freqüentei” muito a coleção *Tesouros da Juventude* e as condensações feitas pelas *Seleções do Reader's Digest*.

E Monteiro Lobato?

Eu me lembro de *Caçadas de Pedrinho* e *Os 12 Trabalhos de Hércules*, que li várias vezes. Mas com 12 ou 13 anos eu preferia ler outras coisas, como crônicas, por exemplo. Li muito Stanislaw Ponte Preta, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. Acho que tive bastante influência da linguagem coloquial desses autores – até porque meus

“Eu entendo que a literatura infantil é uma ramificação de uma literatura popular marcada pela oralidade, por certos temas universais amplos, compartilháveis por muitos.”

leitores são, principalmente, crianças e jovens. Acho uma pena que os cronistas estejam atualmente um pouco esquecidos. Depois dessa fase inicial, comecei a enveredar pela literatura adulta.

Quais eram seus autores preferidos nessa nova fase?

Albert Camus, Franz Kafka, Thomas Mann, Samuel Beckett e John Steinbeck eram autores que estavam muito em evidência em meados da década de 1960, quando eu fazia o ensino secundário.

E autores brasileiros?

Machado de Assis, Lima Barreto e José de Alencar, por exemplo, devo ter lido para a escola, mas mal me lembro. Fui me interessar por esses autores mais tarde. Mas falando de literatura infantil, houve um autor marcante para mim que conheci por meio de uma revista alemã que meu pai assinava chamada *Humboldt*. Era uma revista que trazia textos de autores brasileiros traduzidos para o alemão e autores suíços e alemães traduzidos para o português. Eu tinha uns 16 anos e numa dessas revistas li três contos para crianças de um autor suíço chamado Peter Bichsel. Eu nunca tinha pensado em escrever para crianças até ler esses textos, que achei fascinantes. Adorei. E pensei: “puxa, eu gostaria de escrever que nem esse cara”. Mais tarde até indiquei para uma editora brasileira, que publicou esse autor que me marcou como literatura infantil, mais do que qualquer outro. Ele traz um certo peso, discute algumas questões que não interessam apenas às crianças.



“Como ilustrador, procuro desenhar aquilo que o texto não diz.”

Você rejeita essa classificação de “literatura para crianças”?

Sim, sou contra se fazer um tipo de livro específico para criança porque isso faz supor que exista uma criança específica – o que eu acho complicado. Se você direciona um livro para uma determinada faixa etária significa que ele é um livro didático, já que, na escola, as crianças são divididas de acordo com faixas de idade. Mas na literatura lidamos com um universo de assuntos subjetivos, conflitos e ambigüidades que cada um tem dentro de si que faz com que esse tipo de divisão seja absurdo. Mas é claro que, pelo fato de usar mão de muitas personagens infantis e praticar uma linguagem mais acessível, faz com que a criança ou o jovem se identifique com meus livros. Eu entendo que a literatura infantil é uma ramificação de uma “literatura popular”, marcada pela oralidade, por certos temas universais amplos, compartilháveis por muitos, enquanto a literatura adulta trabalha com temas mais específicos.

Quais temas costumam ser muito usados na chamada literatura infantil – ou “popular”, como você chama?

A busca da identidade, do autoconhecimento, os conflitos do novo contra o velho – estes são temas clássicos, usados também pelos contos populares, pelas histórias de encantamentos. Você pega, por exemplo, a história da Branca de Neve, na qual existe uma mãe (ou madrasta) que é linda e o espelho reafirma isso a todo momento e que, num determinado dia, descobre que a filha é mais bonita que ela – e manda matar a filha! Isso é um tema da luta entre gerações, antiquíssimo, que fascina a todos nós.

A escola costuma negligenciar esse tipo de literatura popular?

Na minha visão, desde o momento em que a criança aprende a ler, ela deveria saber que existem textos que são utilitários – que trazem informações concretas, funcionais – e também outros tipos de textos, de ficção, em prosa ou verso, que trazem uma série de maneiras de se lidar, por meio do texto, com a subjetividade. Em relação à literatura popular (quadras, adivinhas, contos de espanto, esse tipo de texto que vem da tradição oral) há um aspecto muito importante: quando um professor apresenta um conto popular, uma adivinha, a criança que tem os pais pouco letrados tem a oportunidade de reconhecer naquela história algo familiar. “Minha avó sabe contar essa história...” Assim, pode-se criar um círculo virtuoso, essa criança pode voltar, no dia seguinte, com um livro, para mostrar aos seus pais que aquela história que eles conhecem também tem na escola. Como 80% da população brasileira se encontra muito próxima da cultura popular, da linguagem oral, inclusive por influência da música, esse tipo de literatura deveria estar mais presente na escola, na minha opinião.

E como trazer essa cultura para a sala de aula?

Há uma série de autores, como Câmara Cascudo, Lindolfo Gomes e outros, que pesquisaram contos populares. Trazer isso pode motivar os alunos a irem buscar essa tradição em suas famílias. Em Canoas, na Grande Porto Alegre, em uma comunidade bem carente, eu presenciei uma feira de cultura popular em uma escola que foi maravilhosa, inesquecível. Uma professora havia estado em uma palestra minha em Passo Fundo sobre o valor da cultura popular e levou aquilo pra escola. Eu fui convidado, estive lá no ano passado. Eles coletaram receitas culinárias das avós, adivinhas entre os parentes, as tradições de artesanato etc. Havia um orgulho naquelas pessoas em mostrar seus saberes, se identificarem com uma cultura, uma tradição, até porque são pessoas que, muitas vezes, se sentem como “almas penadas culturais” em meio à cultura letrada onde estão inseridas. A música também pode ser uma belíssima introdução à literatura. É claro que precisa haver preparo, não pode ser a música preferida do professor, é preciso apresentar propostas de trabalho a partir delas.

Você deve ter encontrado histórias por aqui que também têm versões em outros lugares, não?

É difícil identificar a origem dessas histórias. É certo que boa parte delas vem de Portugal, há também as de origem árabe, as indígenas, as africanas, e isso, aos poucos, foi dando numa mistura total. Uma tradição africana ouvida por alguém de outra origem pode resultar numa outra história com alguma coisa em comum. Oralidade é porosidade, não tem nada fixo, nem a moral. Você ouve uma história, adapta, improvisa, muda. Não me interessa pesquisar a origem dessas histórias. Elas são contadas e recontadas porque são boas. São essas que eu tento identificar.

Por que esse conhecimento é tão pouco valorizado?

Eu acho que pelo fato de ser uma cultura informal, espontânea. Os contos populares não têm autoria e vêm do povo, e o que vem do povo, infelizmente, é desprezado neste país. Mas não por todos. Se você pegar três ícones de nossa cultura – Guimarães Rosa, Heitor Vila Lobos e Tom Jobim – todos beberam nessa fonte. E talvez isso seja o que mais os tenha enriquecido. Há outros: Mario de Andrade, com *Macunaíma*, ou José Cândido de Carvalho, que escreveu *O Coronel e o Lobisomem*, anda esquecido, mas é muito bom.

Além de escritor, você é ilustrador. Qual é, na sua opinião, o papel da ilustração em um livro?

Muitas vezes ela é apresentada como mero reflexo do texto, com uma função utilitária – como as que, num manual de proprietário de um carro, ilustram onde fica tal peça etc. Assim, a ilustração fica com uma função acessória e se submete ao texto. Quando se fala de literatura de ficção, a primeira situação é termos alguns leitores que lêem muito mal. Nesse caso, as imagens precisam estar coladas ao texto, colaborando no esclarecimento, para que esse leitor pouco aparelhado consiga compreender do que aquela história trata. Só que a maioria dos leitores de literatura, quando ganha mais autonomia, gosta de lidar com a imagem de outra forma, mais descolada do texto. Eu próprio já errei muito,

desenhando exatamente aquilo que o texto diz. Hoje penso diferente, procuro desenhar aquilo que o texto não diz.

Como é seu processo de criação, você segue algum método?

Trabalho várias idéias simultaneamente, que podem surgir com uma personagem, uma situação, uma notícia. Aquilo vai amadurecendo, pode levar anos. Eu tenho uns cadernos há muitos anos só com recortes de jornais que me chamam a atenção [Ricardo

Luiz Dantas



"Guardo esses recortes de jornais para soltar minha imaginação."

se levanta e pega na estante dois grossos volumes encadernados]. Veja isto: "Papagaio grita e é salvo de ladrões." "Alemão é preso com 102 aranhas." Nunca usei uma idéia dessas, nenhuma. Minha intenção era que isso aqui me trouxesse idéias. Só que, de uma certa forma, eu uso esses cadernos para soltar minha imaginação. De vez em quando eu estou escrevendo, paro, abro esses cadernos e parece que a leitura dessas notícias tem um efeito sobre mim de me fazer sair do meu próprio umbigo. Essas histórias são uma prova cabal de como o mundo é rico, que acontecem coisas espantosas. Veja esta notícia, que recortei nesses dias: "'Estou vivo!', berra o homem dentro do caixão". Minha cabeça se abre junto com essas histórias... A vida é muito mais realista e fantástica do que o mundo que qualquer escritor é capaz de criar. E isso aparece todos os dias nos jornais.

Um conto, duas versões

De uma mesma situação cômica (um bicho preguiça com pressa) nascem duas histórias e um estimulante exercício de comparação de linguagem

O filho da filha do bicho-preguiça

O bicho-preguiça estava parado quieto, trepado no galho da árvore. Sua filha estava trepada quieta, parada num outro galho. De repente, ela disse:

– Pai, estou sentindo uma dorzinha esquisita dentro na barriga. Acho que vou parir logo.

Tempos depois, o bicho-preguiça desceu da árvore e ficou pensando. Mais tarde, saiu andando devagar, quase parando. Foi procurar uma parteira.

Foi, foi, foi. Andou, andou, andou. Seguiu, seguiu, seguiu.

No meio da viagem, o bicho-preguiça tropeçou numa pedra e machucou o dedinho do pé. Ficou um pouco nervoso:

– É isso que dá andar nessa pressa danada!

E seguiu, seguiu, seguiu. E andou, andou, andou. E foi, foi, foi.

Acabou chegando na casa da parteira. Passou um tempo, o bicho-preguiça bateu na porta e disse:

– Dona parteira, é urgente. Vamos lá em casa que o filho da minha filha está pra nascer.

A parteira era bicho-preguiça também. Dias depois, abriu a porta devagar e respondeu:

– Calma aí que eu já estou indo!

O tempo correu e bem mais tarde os dois partiram.

Foram indo, foram indo, foram indo. Foram seguindo, foram seguindo, foram seguindo. Foram andando, foram andando, foram andando.

No fim, quando chegaram de volta, escutaram uma barulheira. Eram os filhos do filho da filha do bicho-preguiça brincando devagarinho no terreiro.

(AZEVEDO, Ricardo, *Contos de bichos do mato*, Ática, 2005)

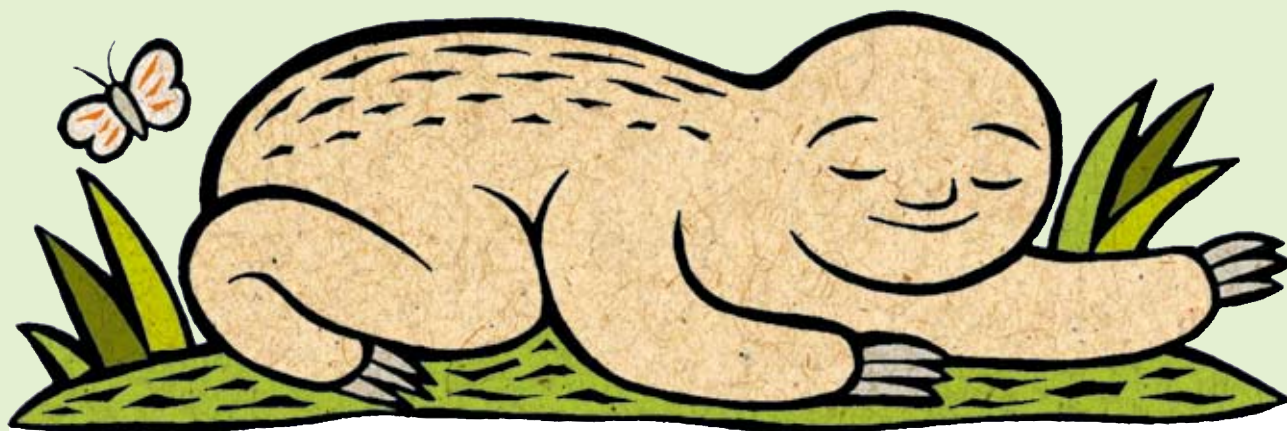
A preguiça

Estando a filha com dor de parir, saiu a preguiça em busca da parteira. Sete anos depois ainda se achava em viagem, quando deu uma topada. Gritou muito zangada:

– Está no que deu o diabo das pressas...

Afinal quando chegou em casa com a parteira, encontrou os netos da filha, brincando no terreiro.

(recolhido por João da Silva Campos. in: MAGALHÃES, Basílio de. *O folclore no Brasil*, Edições Cruzeiro, 1960)



Ricardo Azevedo

Do escrito para o escrito

por Maria José Nóbrega

Com propósitos diferentes, muitos escritores recontam histórias a partir de versões escritas produzidas tanto por pesquisadores, como por escritores. Reconhecendo o valor dessas narrativas, inscrevem-se na corrente de contadores só que agora não mais da tradição oral, mas da tradição oral-escrita. Com isso, um número maior de leitores pode apreciá-las: encantar-se com elas, emocionar-se com elas, divertir-se com elas.

É o que fez o escritor Ricardo Azevedo, o entrevistado desta edição de **LeituraS**, com a divertida *O filho do filho da filha do bicho-preguiça* que reconta *A preguiça*, uma versão do conto recolhida por João da Silva Campos. A ação que deflagra o conflito na história é a iminência do nascimento do filho da filha da preguiça. Está lançado o mote. O conto brinca com a oposição criada pela proximidade do parto e a demora no atendimento. Extrai humor da hipérbole, isto é, do exagero.

Ricardo de Azevedo, sem perder a piada, escolhe narrar tudo muito devagar, devagar, devagarzinho – em câmera lenta – o que deixa o texto muito mais engraçado, não apenas pelo que acontece na história, mas também pelo jeito como a conta. Veja alguns dos recursos que ele emprega:

- Usa e abusa de repetição: **Tal pai, tal filha**

O bicho-preguiça estava parado quieto, trepado no galho da árvore. Sua filha estava trepada quieta, parada num outro galho.

Três vezes três:

Foi, foi, foi. Andou, andou, andou. Seguiu, seguiu, seguiu.

E seguiu, seguiu, seguiu. E andou, andou, andou. E foi, foi, foi.

Foram indo, foram indo, foram indo. Foram seguindo, foram seguindo, foram seguindo. Foram andando, foram andando, foram andando.

Eram os filhos do filho da filha do bicho-preguiça...

- Usa muitas expressões que mostram a passagem do tempo e o modo como se comporta o

bicho-preguiça ante a urgência: lento, muito lento, lentíssimo, como convém a preguiças e a histórias engraçadas:

Tempos depois, o bicho-preguiça desceu da árvore e ficou pensando.

Mais tarde, saiu andando **devagar, quase parando**.

Passou um tempo, o bicho-preguiça bateu na porta...

Dias depois, abriu a porta **devagar...**

O tempo correu e bem mais tarde os dois partiram.

O conto que já era pra lá de engraçado, ficou mais engraçado ainda! É isso que dá escrever sem essa pressa danada!



Iepê, cidade que lê

No município paulista de sete mil habitantes, livros não ficam em caixas nem param nas prateleiras

Reportagem de Maria Lígia Pagenotto
Fotografias de Luiz Dantas

Quando assumiu, há um ano e meio, a direção pedagógica da Escola Municipal de Educação Fundamental João Antônio Rodrigues, em Iepê, a 540 quilômetros da capital paulista, Ieda Maria Monteiro logo tratou de promover mudanças na biblioteca. Livros dispostos ao acaso em prateleiras escuras, paredes vazias e cores apagadas não combinavam com ela – um lugar assim, na opinião da pedagoga, jamais chamaria a atenção da criançada. “Biblioteca tem de ter vida”, prega.

A mudança começou pelas cores. Móveis escuros foram repintados em tons vivos. A mesa e as cadeiras para leitura foram trocadas de lugar na sala, de modo que o espaço fosse melhor aproveitado. Sofá macio, cortinas para diminuir a luminosidade e um tapete aconchegante terminaram por compor o novo ambiente. As paredes, porém, ainda pediam algo. “Foi então que recebemos uma coleção de arte, e tivemos a idéia de enquadrar os pôsteres”, lembra Ieda. Conta a pedagoga, ela mesma ex-aluna da escola e leitora voraz desde seus tempos de garota, que a Biblioteca Olavo Bilac existe há cerca de 30 anos e foi ela, junto com outros colegas, quem ajudou a criar o espaço.

Em cada classe, do 1º ao 5º ano, há um lugar batizado de “Cantinho da Leitura”, com estantes cheias de livros provenientes do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). “Quando chegam as obras, separamos o que pode interessar a cada ano. Uma parte fica na biblioteca enquanto outros livros são espalhados pelos cantinhos das salas de aula, para os alunos manusearem diretamente”, diz Ieda. A professora Marta Atencia, do 2º ano, explica que o sentido do “cantinho” é facilitar ao máximo o acesso da criança ao livro. “É para estimular, mesmo, a curiosidade deles. Deixo-os manusearem à vontade, disputarem o livro”, revela. Quem quiser, leva um para casa, que deve ser devolvido na semana seguinte.

Expressando o que sente

É nesta faixa etária, na qual a criança começa a se alfabetizar, que a professora explora ao máximo o recurso de contar histórias para os pequenos. Ela monta com os alunos fichas das palavras ouvidas durante a narrativa e, depois, pede para eles escreverem essas palavras. “É muito fácil ver os progressos na criança que tem mais estímulo para a leitura e sabe aproveitar isso – ela se diferencia das demais em todas as matérias”, acredita Marta, professora há 17 anos.

A mesma opinião tem Márcia Regina Costa Cardoso, professora do 5º ano. Ela chama atenção para os avanços conquistados nas aulas de Matemática, especialmente. “Os alunos não liam os problemas com atenção ou, se liam, não compreendiam – já queriam logo saber se era conta de ‘mais’ ou de ‘menos’ –, tinham preguiça de tentar entender”, recorda-se. Segundo ela, o quadro começou a mudar quando foi introduzida a pedagogia de projetos na escola. Com ela, a leitura, aos poucos, ganhou mais importância na escola. “No meu cantinho da leitura tem de tudo, estou sempre falando para eles levarem livros para casa, mostrarem para os pais, os amigos”, afirma Márcia. “Acho que com isso eles passaram a ler melhor nas entrelinhas. A Matemática ficou mais clara, o problema ficou mais fácil de ser solucionado”, diz.



Alunos da 3ª série consultam fichas de leitura: acesso facilitado aos livros é extensivo aos pais

A cada semana, a Escola João Antônio Rodrigues promove o projeto Sala de Leitura. Os alunos das diferentes séries escolares se revezam, então, para ouvir histórias contadas pela monitora Débora Adna Palma Rocha, de 20 anos, estudante de letras e ex-aluna da escola.

Ao final da leitura, realizada na biblioteca, eles são estimulados a produzir algum trabalho sobre o que foi lido. “Pode ser um texto, uma dramatização, um desenho, o que quiserem”, explica a jovem. Depois fazemos uma exposição num painel pregado na parede da biblioteca, e renovado semanalmente. “Nossa proposta, com isso, é fazer o aluno perder o medo de expressar o que sentiu com aquela leitura”, explica a pedagoga Ieda Monteiro.

Neste dia também cada aluno escolhe um livro da biblioteca para levar para casa. Depois, na sala de aula, quem quiser comenta sobre o que leu. “Não é uma tarefa obrigatória, mas sim uma forma de estimular o contato com o livro. Penso que se a criança não leu naquela semana, alguém da casa pode ter lido, ao menos folheado o livro”, argumenta Ieda.

Filhos e pais que lêem

A professora da turma do 3º ano da João Antônio Rodrigues, Elcimara Gomes da Mota, acha que o livro, para os alunos de Iepê, desperta especial interesse porque se destaca na realidade doméstica das crianças. “O município é pequeno, poucos alunos têm computador em casa, o livro chama atenção”, argumenta. Para ela, um diferencial importante da escola está em envolver os pais nas atividades de leitura dos alunos. “Isso é feito nos finais de semana, quando acontecem oficinas de leitura. Os pais são incentivados a pegar livros na biblioteca e a escrever”, explica.

A responsável pela cozinha da João Antônio Rodrigues, Cássia Regina Pelim Damásio, é uma das mães-leitoras de Iepê, além de funcionária da escola. Suas três filhas herdaram o gosto pelos livros. “Adoro revistas e livros. O estilo varia – pode ser Érico Veríssimo, Machado de Assis ou Sidney Sheldon”, diz Cássia.

Sua filha mais velha, Carolina, de 22 anos, estudante de Direito, é responsável pela brinquedoteca de Iepê, que funciona junto à Biblioteca Municipal, na praça mais movimentada da cidade. Quem cuida deste espaço é uma organização não-governamental, a Amigos da Cultura, formada em sua maioria por jovens que curtem saraus literários e musicais – uma irmã de Carolina, Juliana, de 19 anos,

também faz parte do projeto. Na brinquedoteca, Carolina promove oficinas de leituras com crianças, entre outras atividades. Ela gosta tanto das letras que, junto com o amigo Anderson Douglas da Silva, estudante de Pedagogia, animou-se a escrever e produzir um livro de poesias e reflexões, publicado com recursos próprios.

Primeiras leituras

Na Escola Municipal de Educação Infantil Dona Juventina Zago de Oliveira, para crianças de zero a seis anos, os alunos fazem poesias e participam de saraus, da mesma forma que os maiores. “Temos leitura todo dia e um cantinho para livros nas classes”, diz a diretora Vera Lúcia Braga Dias. “Eles estão começando a conhecer as letras. Eu leio e eles recontam a história a seu modo, atividade que adoram”, afirma a professora do Pré Eliene Nunes.

Rosicléia Barreto, mãe de dois alunos da escola, está feliz com o método utilizado e acha que se a criança não pega no livro desde pequena não aprende nunca a usá-lo. “Não tenho muito tempo para ler para minhas crianças, meu marido é quem lê. As crianças cobram da gente, trazem sempre livros para casa.”

No município só não tem contato com livros quem não quer mesmo. No Espaço Amigo Casa da Criança, mantido pela prefeitura, destinado a ocupar os pequenos com atividades fora do horário escolar, há uma sala especialmente dedicada aos livros infantis. Lá as crianças se sentam em roda e ouvem histórias, desenham sobre o que ouviram e produzem todo tipo de textos.

Município bem avaliado

Em Iepê parece haver um apreço especial pelas atividades literárias. “A leitura sempre foi bem trabalhada nas escolas aqui”, conta Maria Alves da Silva Ruela, assessora técnica da atual Secretária Municipal de Educação, Aliete Aparecida Bispo da Silva. No dia 24 de junho, data de fundação de Iepê, o município se mobiliza em torno de uma grande festa e os alunos das três escolas – duas municipais e uma estadual – apresentam seus trabalhos. Este ano muitos iriam recitar poemas produzidos ao longo do primeiro semestre nas salas de aula.

O incentivo à leitura já rendeu à cidade resultados quantificáveis, tanto no Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp),



Sílvia Rocha, professor de Português: entusiasmo pelos livros contagiou a turma

realizado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, quanto no Prova Brasil, avaliação que veio complementar o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica e foi realizada, pela primeira vez, em 2005. Segundo dados da última avaliação, na qual, pela primeira vez, foi divulgado o desempenho de cada escola, a média da Escola Municipal João Antônio Rodrigues, a única administrada pela prefeitura, foi de 183,16 pontos em Língua Portuguesa e 187,33 em Matemática, no nível de ensino equivalente à 4ª série (o total possível era de 350 pontos). Para se ter uma idéia, esta colocação deixaria Iepê em quarto lugar em um *ranking* com todas as capitais de estado – só perdendo para Campo Grande (MS), Curitiba (PR) e Belo Horizonte (MG). A capital paulista teve médias bem abaixo disso: 160,42 em Língua Portuguesa e 166,86 em Matemática.

As escolas municipais não são obrigadas a participar da avaliação, mas a Escola Municipal de Ensino Fundamental João Antônio Rodrigues, segundo Ieda Monteiro, optou por ser testada já há três anos, com o Saresp. “É importante para nós, porque montamos nossos projetos didáticos baseados nos resultados das avaliações”, argumenta. A diretora da escola, Márcia Regina Maciel, assegura que o bom desempenho no Saresp e no Prova Brasil apenas corroboram os avanços

que ela sente no dia-a-dia com as crianças. “Percebo que estão menos tímidos, conversam mais, interrogam. Acho que se realizam diante dos livros e os pais também notam as mudanças, tanto que comentam e procuram ler mais também”.

A mesma satisfação em ver os progressos dos alunos pode ser sentida na Escola Estadual Antônio de Almeida Prado. Em 2005, dois alunos – do 6º e do 7º ano – obtiveram 100% de acertos em Português na avaliação feita pelo governo estadual. “Sabemos que compreendendo o que lê, o aluno se sai melhor em todas as disciplinas”, afirma o diretor da única escola de ensino médio do município, Francisco Régis Zago. Como exemplo, ele cita o desempenho dos alunos na Olimpíada de Química do Estado. A escola foi uma das 100 selecionadas, entre cinco mil, para participar de um evento na capital paulista.

Parte do progresso obtido diante das palavras é creditado na escola ao professor de Português, Sílvia de Lima Rocha. Ele é responsável pelas aulas de leitura e assume que seu entusiasmo pelos livros tem contagiado os alunos. “Ensino a eles que quanto mais concentrados num texto, mais eles viajam, se tornam criativos. Na classe, mantenho uma estante de livros e digo que para aprender é preciso mergulhar no texto.”

Todas as salas de aula da Escola Estadual Antonio de Almeida Prado contam também com uma biblioteca de classe, montada com livros doados pelo MEC. Maria Damásio, responsável pela biblioteca da escola afirma que, embora o local seja muito procurado pelos alunos para pesquisas, sente falta de que os mais jovens retirem mais livros para deleite próprio, com o único objetivo de usufruírem

o prazer de uma boa leitura. “Se eles soubessem o que perdem quando não lêem, não é?” Mas, para satisfação de Maria Damásio e outros adultos, os estudantes desta pequena cidade-leitora talvez estejam, aos poucos, descobrindo o que têm a ganhar mergulhando em páginas e mais páginas de boas histórias. É assim que a pequena Iepê já está fazendo a sua própria história.

Portas e livros abertos à comunidade

Iepê tem uma biblioteca municipal com cerca de nove mil livros catalogados. Mas o trabalho ainda não foi concluído, segundo a responsável pelo lugar, Dorothea Zaganini. Há 10 anos no posto, ela conta que tem conseguido fazer da biblioteca um ponto de encontro importante dos jovens da cidade, seu sonho desde que assumiu.

“Estamos localizados na praça onde eles se reúnem, ao lado da lanchonete principal. Quero que eles gostem cada vez mais daqui”, diz. À frente do trabalho de catalogação está Angelita Maria de Souza, estudante de Letras, também integrante da ONG Amigos da Cultura. “Já fizemos muito sarau de poesias aqui. Sempre temos alguma programação”, explica.

Já a Biblioteca Olavo Bilac, da Escola João Antônio Rodrigues, tem um acervo de cerca de 4 mil obras. A estudante de Letras Débora Rocha, ao lado da pedagoga Ieda Monteiro, é quem ajuda a cuidar do espaço. “Temos um caderno de controle, para marcar que livro saiu, qual o autor, o gênero da obra, quando saiu e para quem foi. Cada pessoa pode ficar uma semana com o livro, mas esse prazo é renovável”, diz Ieda. Ela argumenta que não cobra multa

por atraso porque não quer que ninguém tenha medo de pegar livro. “Isso pode assustar as pessoas”.

A biblioteca escolar é aberta a toda comunidade – qualquer pessoa da cidade tem acesso aos livros, revistas e também vídeos e DVDs.

Márcia Regina Maciel, diretora da escola municipal, com o aluno Natan Silva: alunos menos tímidos

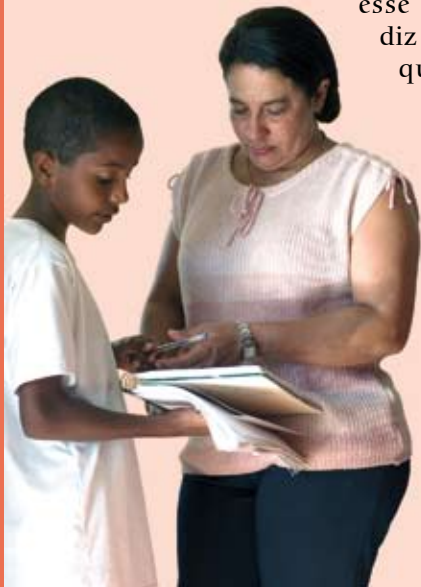


Biblioteca Municipal: 9 mil livros para 7 mil habitantes



Presença marcante de estudantes e saraus dinamizam o espaço

Iepê tem uma biblioteca municipal com cerca de nove mil livros catalogados.



O nascimento das cidades-leitoras

Especialista em políticas públicas de promoção à leitura e implantação de bibliotecas reflete a respeito da experiência de Iepê

Por Edmir Perrotti*

Pequeno município do interior de São Paulo, Iepê vem há tempos trabalhando para se tornar uma *Cidade-Leitora*. Com isso, já está obtendo resultados que o destacam em avaliações estaduais e nacionais de Educação. Afinal, ter domínio do código escrito é, sabidamente, condição essencial e primeira de aprendizagem. Daí que apostar na leitura é tiro certo.

Todavia, *cidades-leitoras* não são obra do acaso, nem se constituem por magia, milagre ou decreto. Elas resultam de uma história, de visões e de opções políticas por educação de qualidade, por inclusão de todos nos circuitos do conhecimento e da cultura.

Não nascemos leitores. A formação de leitores é uma tarefa de vida toda. Ler não é um simples fato biológico. Apesar de envolver visão, neurônios e outros aspectos fisiológicos, é um ato eminentemente cultural, é produção de significados. Daí implicar, necessariamente, opções e ações políticas, mobilização pública, além de recursos que vão dos materiais aos saberes e competências diversas e especializadas. As *cidades-leitoras* somente podem ser formadas nesse movimento dinâmico e permanente envolvendo, além dos próprios leitores, autoridades, famílias, instituições culturais como bibliotecas, casas de cultura, escritores, livreiros, editores, educadores, agentes culturais e inúmeros outros mediadores.

Os sistemas educativos têm um papel central em tais processos. Assim, do ponto de vista das redes escolares, além da prioridade às aprendizagens necessárias à inclusão e apropriação da cultura da escrita, há que se orientar e preparar as equipes pedagógicas para atuarem nesse sentido. E, por equipes

pedagógicas, entenda-se os quadros ligados direta e indiretamente à Educação, de autoridades postadas nas Secretarias de Educação aos professores. Pecam as iniciativas centradas exclusivamente nestes últimos. O ato educativo não é fenômeno isolado.

“O ato educativo não é fenômeno isolado. Insere-se numa trama constituída por diferentes agentes educativos com diferentes formações e funções.”

Insere-se numa trama constituída por diferentes agentes educativos com diferentes formações e funções.

O conhecimento não nos chega de pronto; é fruto de esforços e aproximações permanentes e indispensáveis. Daí demandar a adoção de políticas de formação continuada em leitura, tendo por alvo, como dissemos, os quadros profissionais que atuam na Educação. É preciso envolvê-los, torná-los leitores, antes de mais nada. Sem isto, não haverá solução.

Além disso, é preciso uma consciência clara de que não é possível formar leitores na atualidade sem considerar que a escrita vem ganhando contornos específicos de nossa época. Se continuamos a ler em livros, jornais, revistas, lemos também em outros e novos suportes que abrem possibilidades até então inexistentes para a escrita. Num mundo onde espocam mensagens de todo lado, é preciso aprender a ler os suportes tra-

dicionais, como também, as telas dos computadores, o visor dos celulares, os *outdoors* nas ruas e muitos outros veículos contemporâneos que alteram a escrita e nossas relações com ela. Por outro lado, como no nosso tempo as mensagens escritas agregam outras linguagens, é preciso estabelecer conexões entre linguagem escrita e as linguagens orais, audiovisuais, gestuais, num processo dinâmico de mobilização e conexão multimidiática. Atentos à especificidade e às exigências de cada tipo de linguagem, é preciso colocá-las, todavia, em relação umas com as outras.

Neste século XXI precisamos colocar nossos estudantes em contato contínuo e vivo com as mais variadas fontes do conhecimento. Precisamos criar espaços múltiplos e dinâmicos de leitura e informação, na escola e fora da escola. Precisamos criar oportunidades diversificadas de aprendizagem, possibilitar experiências culturais alargadas aos estudantes nas chamadas “sociedades do conhecimento”.

Nesse sentido, as crianças e os jovens de Iepê não aprendem apenas a reconhecer os signos e utilizá-los para realizar seus deveres escolares; eles os utilizam nas mais diferentes situações cotidianas, em interações que se espalham da escola para a vida e desta para a escola, num movimento permanente de conhecimento e de reconhecimento do outro. A palavra e o mundo, como queria Freire, se conjugam. Vive-se e respira-se, no dia-a-dia de Iepê, a experiência da escrita em suas variadas manifestações.

Iepê permite vãos e sonhos altos a seus habitantes e a nós todos. Mais que um exemplo, um desafio é lançado! Que tal, caro leitor, sua cidade tornar-se, ela também, leitora?

* Edmir Perrotti, professor aposentado da Universidade de São Paulo com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação, assessorou projetos de promoção à leitura em diversas prefeituras, como as de Jaguariúna (SP) e São Bernardo do Campo (SP).

Trabalhos com contos populares

“Os Contos da Nossa Cidade” e “Conto e Reconto”: dois projetos didáticos de leitura e escrita que podem conquistar sua turma para o mundo dos livros



Por Maria José Nóbrega,
consultora pedagógica de **LeituraS**

Coloridos, carregados de sentidos cujas raízes remontam a tempos imemoriais, a linguagem dos contos tradicionais alimenta a imaginação dos leitores e abre espaços simbólicos para compreender a si mesmos e ao mundo. Não é a toa que diversos escritores se encantam com os contos (leia, nesta mesma publicação, entrevista com o escritor Ricardo Azevedo). A aproximação da escola com as manifestações culturais de seu entorno permite construir pontes entre o oral e o escrito; entre a língua em sua variedade oral e as chamadas variedades cultas. A proposta a seguir é trabalhar os contos populares dentro da Pedagogia de Projetos. A característica essencial de um projeto de trabalho é ter um objetivo compartilhado por todos os envolvidos para se chegar a um produto final, em função do qual todos trabalham. Além disso, os projetos permitem dispor do tempo didático de forma flexível, pois sua duração corresponde ao tempo necessário para se alcançar um objetivo: pode durar dias ou alguns meses. Para sua execução é preciso planejar, prever, dividir responsabilidades, aprender conhecimentos específicos relativos ao tema em questão, usar recursos tecnológicos, aprender a trabalhar em grupo, controlar o tempo e, por fim, avaliar os resultados em função do plano inicial.

Projeto “Contos de Nossa Cidade”

Objetivos:

- Ampliar o repertório de contos tradicionais.
- Conhecer os contadores de histórias do município.
- Identificar diferenças entre a modalidade oral e a escrita da língua.
- Editar e revisar textos.

Desenvolvimento:

- Proponha aos estudantes que investiguem, entre os moradores mais antigos da comunidade, se há algum contador de história ou alguém disposto a contar para a turma contos populares da região.
- Agende uma data em que as pessoas convidadas possam comparecer à escola e contar suas histórias. Se possível, grave em vídeo ou fita cassete para que, posteriormente, os estudantes possam usá-las para transcrever os contos selecionados e organizar uma antologia.
- Finalizadas as apresentações, organize a turma em grupos, para editarem os contos recolhidos. Peça que transcrevam o conto da maneira como foi falado e, depois, realizem apenas os ajustes necessários para converter o texto falado em uma peça escrita, buscando preservar o sabor da versão oral e o estilo do contador. Se esta etapa do trabalho puder ser desenvolvida na sala de informática, ficará muito mais fácil realizar as atividades de reescrita e de revisão dos textos.
- Concluída a etapa anterior, é hora de escolher um título para a coletânea. Pode ser o título de um dos contos, como é comum acontecer em antologias de contos, crônicas e poemas. E se cada conto ganhar uma ilustração? E qual deve ir para a capa?
- Ajude-os a decidir a seqüência dos contos para elaborar o sumário. Seria interessante, ainda, incluir uma pequena biografia dos contadores que participaram do projeto.

Projeto “Conto e Reconto”

Objetivos:

- Ampliar o repertório de contos tradicionais.
- Apreciar o estilo de diferentes escritores, identificando e analisando as escolhas estilísticas que realizam ao recontar um conto tradicional.
- Refletir a respeito das operações envolvidas no reconto de uma história: omissões, acréscimos, inversões, substituições.
- Editar e revisar textos.

Recontar histórias possibilita aprender a respeito do funcionamento da linguagem escrita. Recontar não é mera reprodução, é recriação, pois ainda que o escritor tenha o compromisso de preservar o enredo, imprime à história seu estilo próprio. A proposta a seguir permite que os estudantes ampliem seu repertório de contos, bem como aprendam a ajustar a linguagem às suas intenções comunicativas, isto é, aos efeitos que esperam provocar em seus leitores.

Desenvolvimento:

- Com a ajuda dos estudantes, faça um levantamento das antologias de contos populares disponíveis no acervo da biblioteca municipal, escolar ou da sala de leitura.
- Promova a leitura de vários contos, diversificando os leitores: ora você lê para a turma, ora um dos estudantes lê para os colegas um texto preparado previamente.
- Dedique algumas aulas para que os estudantes possam comparar diferentes versões de um mesmo conto, como sugerimos acima, e, assim, possam identificar as marcas do estilo de cada autor.
- Organize a turma em duplas e peça que selecionem um dos contos para produzir uma nova versão para ele. A partir dos exemplos comentados, proponha que, antes de começar a escrever, pensem como querem recontá-lo: substituindo palavras difíceis por outras mais simples para

facilitar a compreensão, resumindo alguns trechos para evitar digressões, transformando passagens de sequência narrativa em diálogo para dar maior leveza etc.

- Após a produção, reserve algumas aulas para reformular o texto. Afinal, um texto bem escrito é normalmente fruto de sucessivas versões. Para facilitar essa fase do trabalho, você pode promover o intercâmbio entre as duplas: uma dupla compara as duas versões do conto escolhido pela outra, elaborando uma pauta com sugestões para a revisão. Insista que a proposta não é deixar o

texto ficar igual ao modelo, mas potencializar as intenções de cada dupla.

Concluídas as atividades de edição e de revisão, elabore o sumário e, lembre-os de incluir a referência bibliográfica dos contos que foram recontados. O formato que a publicação vai assumir dependerá das condições da escola e da comunidade: pode ser uma versão digital para leitura na página da escola na internet, uma brochura com os textos digitados e formatados com cuidado ou, até mesmo, uma edição manuscrita com caligrafia caprichada.



Gustave Doré

Os contos tradicionais no Brasil

O estudioso do folclore brasileiro Luís da Câmara Cascudo (1898–1986)¹, no prefácio que produz para *Cantos Populares do Brasil*², de Sílvio Romero (1851–1914) afirma que esta obra e *Contos Populares do Brasil* constituem “o primeiro documentário da literatura oral brasileira”. A trilha aberta pelo crítico, folclorista e historiador da literatura brasileira foi percorrida, depois, pelo próprio Cascudo e por muitos outros escritores e pesquisadores.

Outro pioneiro é, sem dúvida, Figueiredo Pimentel (1869–1914) com *Contos da Carochinha*. Preocupado em popularizar o acesso ao livro, Pimentel reuniu nesta obra contos populares traduzidos ou recolhidos diretamente da tradição local. Inaugurava-se com ele uma consistente linhagem de escritores de literatura infantil que mantém uma estreita

relação com a literatura de tradição oral que constitui o substrato básico para a literatura produzida para crianças. Entre eles estão Monteiro Lobato, Henriqueta Lisboa, José Lins do Rego, Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo e tantos outros escritores que não resistiram à tentação de “meter a sua colher”, ou melhor, a sua caneta, neste maravilhoso repertório, emprestando a ele seu talento pessoal. Encontre nas prateleiras estas e outras preciosidades e mergulhe com sua turma em um mar de histórias!

¹ Luís da Câmara Cascudo no PNDE:

Faz de conto. Luís da Câmara Cascudo e outros, Global, PNBE 2002.

Contos tradicionais do Brasil. Luís da Câmara Cascudo, Global, PNBE 2003.

A princesa de Bambulúá. Luís da Câmara Cascudo, Global, PNBE 2005 (Acervo 7)

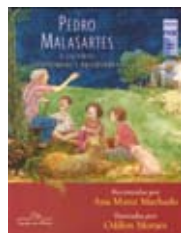
O marido da mãe d'água e A princesa e o gigante. Luís da Câmara Cascudo, Editora Gaia, PNBE 2005 (Acervo 15).

² As obras de Sílvio Romero – *Cantos Populares do Brasil* e *Contos Populares do Brasil* – são publicadas pela Editora Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo.

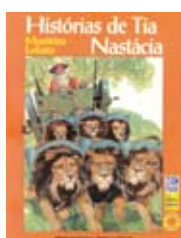
Algumas obras de tradição popular nos acervos do PNBE



Histórias Diversas, Monteiro Lobato, Ed. Brasiliense (PNBE 1998).



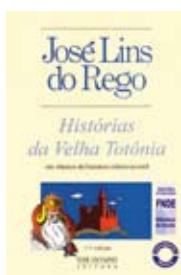
Pedro Malasartes e outras histórias à brasileira, Ana Maria Machado, Cia. das Letrinhas, (PNBE 2005 / Acervo 06).



Histórias de Tia Nastácia, Monteiro Lobato, Ed. Brasiliense (PNBE 1998).



Histórias Folclóricas de medo e de quebranto, Ricardo Azevedo, Ed. Scipione, (PNBE 2003).



Estórias da velha Totônia, José Lins do Rego, Ed. José Olympio, (PNBE 1999).



Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões, Ricardo Azevedo, Ed. Projeto (PNBE 2005 / Acervo 04)



Literatura oral para a infância e a juventude, Henriqueta Lisboa, Ed. Fundação Peirópolis, (PNBE 2005 / Acervo 03).



Contos de enganar a morte, Ricardo Azevedo, Ed. Ática (PNBE 2005 / Acervo 05)

Tradição na rede

Jangada Brasil é um endereço da internet que promove o registro e a divulgação da cultura popular brasileira por meio de uma publicação mensal na rede. Em setembro de 2005 foi lançada uma edição especial com mais de 30 contos populares do Brasil. Não perca a oportunidade de conhecer mais histórias, navegando na internet:

www.jangadabrasil.com.br

O adolescente

Mario Quintana

A vida é tão bela que chega a dar medo.
Não o medo que paralisa e gela,
Estátua súbita,
mas esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!

Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:

Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
- vestida apenas com o teu desejo!

A gente ainda não sabia

Mario Quintana

A gente ainda não sabia que a Terra era redonda.
E pensava-se que nalgum lugar, muito longe,
deveria haver num velho poste uma tabuleta qualquer
- uma tabuleta meio torta
E onde se lia, em letras rústicas: FIM DO MUNDO.

Ah! Depois nos ensinaram que o mundo não tem fim
E não havia remédio senão irmos andando às tontas
Como formigas na casca de uma laranja.
Como era possível, como era possível, meu Deus,
Viver naquela confusão?
Foi por isso que estabelecemos uma porção de fins de mundo...

Livros e leitura entre professores e alunos

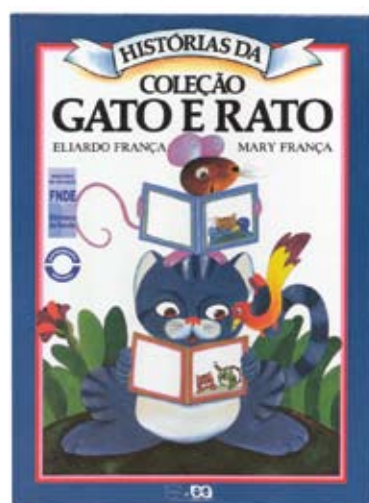
Por Regina Zilberman*

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas. Desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. Mesmo as crianças que residem longe dos grandes centros urbanos ou são muito pobres, não dispendo, pois, de livros e impressos, conhecem o significado de certas siglas e sabem identificar as figuras e os nomes de personagens, divulgados por meio da propaganda audiovisual, da televisão, das histórias ouvidas e reproduzidas.

O universo da leitura envolve o ser humano por todos os lados, estimulando a aprendizagem, tarefa delegada à escola por ocasião da alfabetização, nos primeiros anos da educação fundamental. Nem sempre os resultados são positivos, e muitas crianças acabam por ficar excluídas do mundo das letras, aquele mesmo que as rodeia e que gostariam de decifrar com habilidade e fluência.

A literatura infantil pode ajudar o professor a alcançar um resultado melhor, colaborando para o sucesso de seu trabalho. Os livros para crianças despertam o gosto pela leitura, não têm propósito pedagógico e ainda divertem. Os alunos certamente apreciarão acompanhar, nas obras, as aventuras de personagens parecidas com eles, ação que os levará a buscar mais livros, solidificando sua competência de leitura.

A primeira medida a ser tomada pelo professor é, portanto, colocar os livros ao alcance dos alunos em sala de aula. A proximidade entre o leitor e o texto, na forma de livro, motiva o interesse e induz a leitura, mesmo no caso de pessoas que ainda não foram



alfabetizadas. Por isso, publicações destinadas a elas apresentam muitas ilustrações, pois a imagem captura a atenção do leitor e, por estar acoplada à escrita, suscita o interesse por seu entendimento.

Se esse princípio é válido para todos os leitores, é ainda mais decisivo no caso das crianças, cuja curiosidade é grande, estando sua atenção fortemente voltada para o visual. A atração do livro impresso, com suas figuras e texto, incita o leitor, e esse entrega-se à sedução da obra.

Várias publicações de autores brasileiros, destinadas ao leitor aprendiz, podem colaborar com o professor, como é caso da Coleção

Gato e Rato, de Mary e Eliardo França, dirigida a crianças em período da alfabetização. Num dos volumes, *A bota do bode*, conta-se o que sucedeu ao bode, que encontrou uma bota e inicialmente não sabe o que fazer, até achar uma saída para a situação inusitada. O vocabulário escolhido é tão compreensível quanto legível, formado, na maior parte, por dissílabos e paroxítonas, em que cada sílaba contém apenas uma consoante e uma vogal. Portanto, o relato pode ser entendido por qualquer leitor, mesmo o que começa a decifrar a escrita. Requerendo um mínimo de desenvoltura, *A bota do bode* lida com uma história em que um problema aparentemente sem solução instiga a continuidade da leitura e chega a um final engraçado. As ilustrações reforçam o interesse do leitor, pois o dilema da personagem, diante do objeto imprevisto, expressa-se pela imagem, reforçando as possibilidades de decodificação da escrita.

A bota do bode, a exemplo das outras obras que compõem a Coleção Gato e Rato, é adequada a um leitor que se inicia nos livros. Podem ser as crianças que frequentam as primeiras séries do ensino básico, porque é nessa etapa que se prevê a alfabetização dos alunos. Porém, há estudantes que, com mais idade e, portanto, mais acostumados à circulação de textos, ainda não dominam a leitura com a familiaridade desejada. Também nesse caso é apropriada a indicação de obras como as de Mary e Eliardo França, porque as narrativas são divertidas, conduzindo a atenção do leitor até o final.

* Regina Zilberman é professora de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

O leitor iniciante não tem idade; e cada fase de sua vida é um bom momento para levá-lo a gostar de livros de ficção, pois as histórias estimulam seu imaginário, fortalecem sua identidade, ajudam-no a pensar melhor e a resolver problemas. Com o passar do tempo e o aumento da bagagem de livros e de experiência, os leitores ficam mais exigentes, solicitando mais e melhores livros.

Para tomar a segunda medida, o professor precisa ficar atento à destreza e interesse de leitura por parte dos alunos. Ele será compreensivo com o estudante que apresenta dificuldades para acompanhar o texto, apoiando-o com a indicação de produtos ao mesmo tempo bons e fáceis de entender. *Se as coisas fossem mães*, de Sylvia Orthof, é uma dessas obras que estimula a imaginação da criança, e também sua inteligência, sem apresentar dificuldades de interpretação. A idéia original é muito criativa, partindo da noção de que, se os seres animados têm mães, é de se cogitar que o mesmo ocorra com os inanimados ou mágicos,

como sereias, bruxas e fadas. Esse é o jogo proposto pelo livro, que não se encerra quando chega às últimas linhas, pois o leitor pode dar continuidade à proposta de conjecturar o que ocorreria “se as coisas fossem mães”.

Com estudantes que requerem textos mais longos e narrativas mais complexas, o professor pode escolher entre gêneros diversos. Os contos de fadas atraem o interesse de muitos, já introduzidos, por exemplo, a Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e Cinderela, quando pais, tios, irmãos, avós ou outros lhes narram as aventuras dessas personagens. Histórias em quadrinhos, filmes, desenhos na televisão, entre outras formas de difusão de relatos folclóricos, reforçam a popularidade daqueles heróis. Assim, a sala de aula pode ser um bom lugar para retomar esse conhecimento e, sobretudo, ampliá-lo, pois há livros que, recorrendo ao conto de fadas, propõem alternativas inovadoras para figuras tradicionais.

Em *A fada que tinha idéias*, Fernanda Lopes de Almeida cria

a personagem Clara Luz, que, insatisfeita com o papel convencional usualmente atribuído a seres como ela, permanentemente inventa novidades. No começo da história, a pequena fada é advertida pelos adultos, que julgam inadequado seu comportamento; na sequência, porém, ela demonstra que suas atitudes são válidas para si mesma e para todo o grupo, vindo a representar a vontade de as crianças serem respeitadas pelos mais velhos.

Nos contos tradicionais, a fada é a personagem boa, enquanto a bruxa é má, prejudicando os demais. *A bruxinha atrapalhada* desmente esse padrão, pois a protagonista das histórias curtas de Eva Furnari suscita a simpatia do leitor, que experimenta com ela as dificuldades de afirmação no mundo adulto. Por sua vez, em *O fantástico mistério de Feiurinha*, Pedro Bandeira contraria outro estereótipo do conto de fadas clássico: o da jovem que, por ser bela, seduz o príncipe encantado. No livro, a personagem principal é a menina feia, de quem depende o mundo das



fadas para não desaparecer, levando com ele o imaginário representado pela infância.

Nos livros de Fernanda Lopes de Almeida, Eva Furnari e Pedro Bandeira, o leitor acostumado ao conto de fadas, que conheceu por ouvir, ler ou ver, passa por um questionamento que o torna mais crítico e exigente. O professor, paciente e compreensivo com o leitor vagaroso, estimula agora o estudante que pede mais livros, ajudando-o a não se conformar com o convencional e o consagrado.

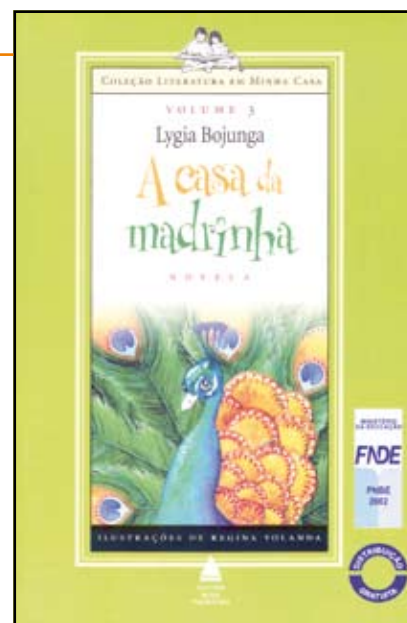
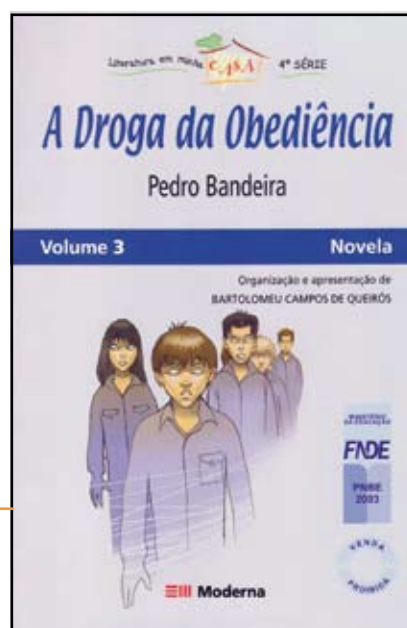
Quando o aluno chega a esse ponto, o professor converte-se em seu companheiro de leituras, dispondo de um cardápio de obras em que se mesclam a aventura, o amadurecimento interior e a observação do contorno social. Narrativas de aventuras aparecem nas obras de Monteiro Lobato, por exemplo, ou nos romances policiais de João Carlos Marinho, de que *O gênio do crime* é um exemplo. Lygia Bojunga Nunes, em *A bolsa amarela*, oportuniza ao adolescente adentrar-se na

sua intimidade, onde se alojam desejos insatisfeitos e aspirações, que ele terá de expressar, para se satisfazer consigo mesmo. *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, colabora para a criança entender o passado de sua família e consolidar sua identidade pessoal, quando não étnica e social, como revelam *Do outro lado tem segredos* e *Raul da ferrugem azul*, da mesma autora.

O estudante pertence também a uma época e a uma sociedade, que, traduzidas pelas obras de ficção, podem levá-lo a tomar uma posição perante problemas como a desigualdade econômica, o racismo ou a opressão. *Coisas de menino*, de Eliane Ganem, e *Os meninos da Rua da Praia*, de Sérgio Capparelli, expõem as diferenças entre ricos e pobres, enquanto *Nó na garganta*, de Mirna Pinsky, afirma que a cor da pele não é justificativa para valorizar ou diminuir as pessoas. *A droga da obediência*, de Pedro Bandeira, e *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes, por sua vez, mostram ser preciso lutar pela liberdade, quando os poderosos

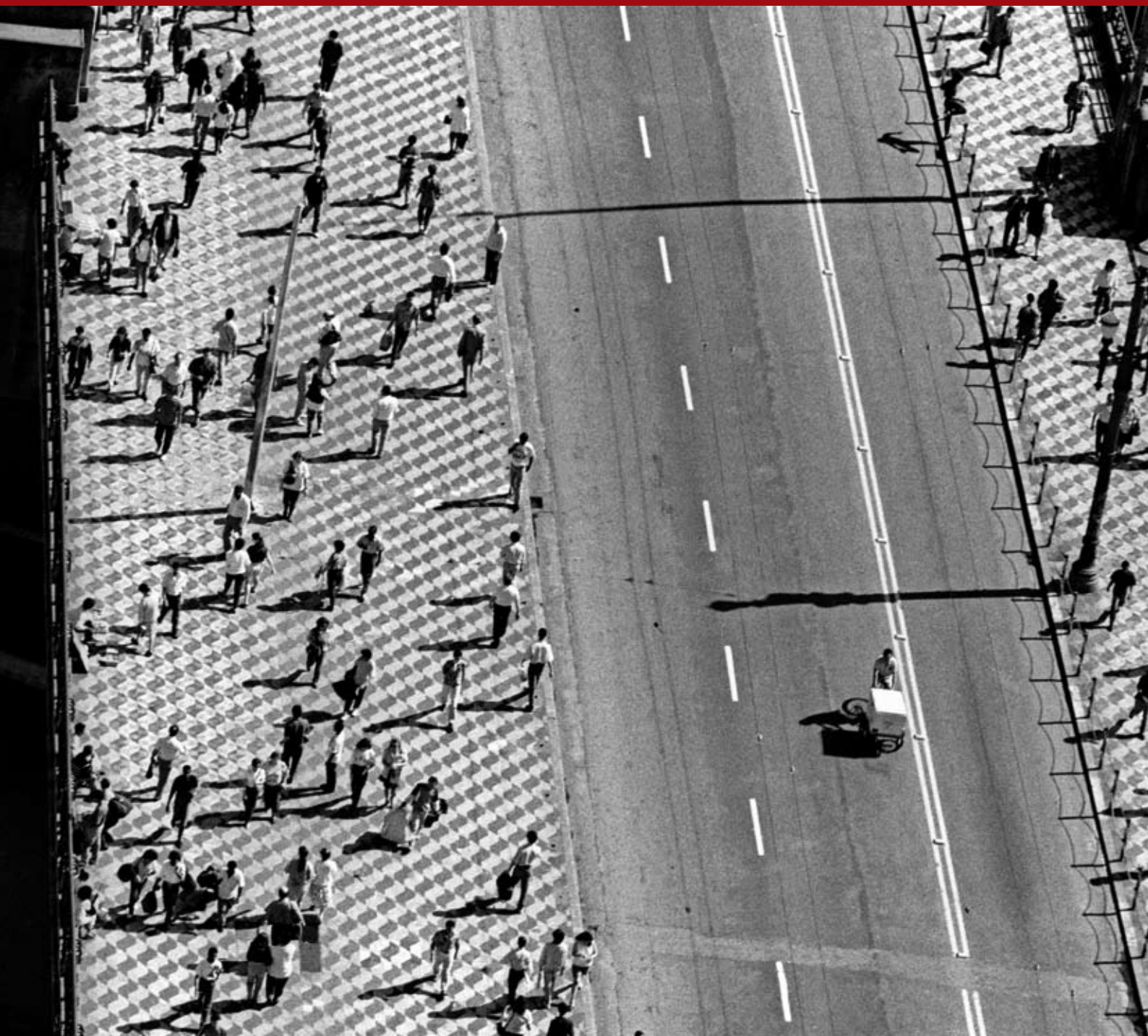
procuram sufocar o crescimento intelectual dos indivíduos.

Professores e alunos não ficarão indiferentes à proposta de livros como os enumerados antes. Aprenderão juntos que a literatura, dirigida ou não para as crianças, lhes proporciona grande variedade de diversão e sabedoria, aprofundando as relações humanas na escola e sua participação na sociedade.



O enquadramento do mundo

Especialistas orientam como esmiuçar uma imagem fotográfica muito além das questões técnicas



Cena urbana: o Viaduto do Chá, visto em preto e branco, pela lente de Araquém Alcântara.

VIADUTO DO CHÁ, SÃO PAULO (SP) – Foto de Araquém Alcântara



A fotografia, em preto e branco, mostra uma rua com pessoas indo e vindo. Será em São Paulo? Nova York? Fortaleza? Para onde irão aquelas pessoas? Ou de onde vêm? É uma boa foto? Por quê? O que se vê além dela?

As indagações são da professora de artes da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Ana Maria Schultze, diante do trabalho de um respeitado fotógrafo contemporâneo.

Antes de formular as questões e apresentar a foto como exemplo, Ana, que também é fotógrafa, tem o cuidado de tapar o crédito e o título da obra. Com isso, ela espera estimular ainda mais o interlocutor a “ler” aquela imagem. “O que diz uma fotografia como esta?”, pergunta Ana. E ela mesma responde, citando o professor e pesquisador Boris Kossoy: “A imagem fotográfica tem sempre duas realidades, a primeira e a segunda”, afirma. “A segunda é a aparente, a que se dá primeiro. Por meio dela se chega à primeira realidade, que é a história daquela imagem”, resume a professora.

No caso da foto de Araquém Alcântara, a realidade aparente é uma rua, com pessoas indo e vindo. A imagem é em preto e branco e foi feita durante o dia, pois há sol e sombras. As pessoas carregam uma sombra dupla, isso dá

a impressão de que há mais gente na rua. “Aos poucos, com base no meu repertório, vou chegando à primeira realidade”, diz Ana. “Como sou de São Paulo, a idéia que me vem à cabeça é de um lugar na minha cidade, uma via onde circulam muitas pessoas. Será que é no centro da cidade? Num viaduto? Por que não há carros, será que é um calçadão? E os camelôs, tão característicos da cidade, onde estão? Fora de cena porque era uma época em que sua presença era reprimida? Pela sombra, que hora será? A foto é antiga porque está em preto e branco?”

Com tantas questões, Ana pretende aguçar os sentidos dos “leitores” para o que a imagem diz por si só, ao primeiro olhar e para além dele. “Poderíamos estar neste momento com uma foto de família, em vez desta. O importante é o professor trabalhar com o que ele tem à mão”, acredita. O aluno, ou leitor da imagem fotográfica, argumenta, tem de ser instigado a “descobrir pistas” a respeito daquilo que vê, para compreender a fotografia. “Ele deve aprender a contextualizar a imagem, saber quem fez, por que fez, ter acesso à história daquela foto, entre outros parâmetros”, afirma Ana Maria. Se a foto é tecnicamente boa ou não, isso é o de menos na sala de aula – desde, claro, que a aula não seja de fotografia.



Cena litorânea: jovem caíçara lidando com seu meio de transporte no litoral de São Paulo.

Professor da pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e do departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Universidade de São Paulo (USP), Arlindo Machado acha que a dificuldade em trabalhar a fotografia, de forma geral, está no fato de que, por uma série de razões históricas, ela tem sido reduzida a uma mera técnica de reprodução do mundo visível, ou seja, uma mera “cópia” do que se vê. “Isso é um equívoco total. A fotografia é uma linguagem com a qual podemos construir um ‘discurso’ sobre o mundo”, alerta. “Quando vou fotografar, tenho de escolher um enquadramento, ou seja, o que entra na imagem, porque é significativo, e o que não entra, porque não tem nada a ver

com o que eu quero mostrar”, diz o professor. “Também tenho de definir uma zona de foco: se há coisas perto e longe da câmera, quais são as mais significativas para merecer o foco?”

Machado resume: “Fotografar é realizar uma série de escolhas no tempo (“qual é o instante preciso em que devo apertar o botão?”), no espaço (“o mundo visível é infinito, mas o que vou privilegiar com o meu enquadramento?”) e na profundidade de campo (“que porções do espaço vão estar em foco e fora de foco?”). Por isso, ressalta, duas pessoas fotografando a mesma cena nunca obterão fotografias idênticas, porque farão escolhas diferentes, em função do que lhes interessa ou não mostrar nessa cena.

Esvaziar-se para buscar a precisão

O bombardeio de informações visuais a que estamos submetidos diariamente é, para a fotógrafa e professora do curso de Publicidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Ângela Di Sessa, um obstáculo à observação. “Com o excesso, temos mais trabalho para desfazeremos clichês visuais”, argumenta. Ângela afirma ainda que o corpo hoje está muito esquecido como mediador de experiências. “Há muitas informações, ele ficou em segundo plano e, na fotografia, a forma como o corpo se coloca influi diretamente no resultado final”, explica, destacando que a composição da imagem é sempre

fruto da relação sensível de quem está gerando a imagem diante da situação que será fotografada.

Segundo a professora da PUC-SP, quem melhor explicou isso foi o cultuado fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson (1908-2004). “Tirar uma foto é como reconhecer um evento”, definiu certa vez, “e naquele exato momento e numa fração de segundo, você organiza as formas que vê para expressar e dar sentido ao evento”. E ela cita novamente Cartier-Bresson: “Fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração.” Para chegar lá, acredita Ângela, é preciso “esvaziar-se” um pouco de tantas informações a que estamos sujeitos. “Temos de recolocar nosso corpo em sintonia com o todo”. Com isso, o reverenciado fotógrafo francês queria dizer que o enquadramento gratuito, a simples execução de um modelo externo à pessoa, banaliza a imagem. “Eu reconheço uma boa foto pela sensação imediata de prazer que ela me traz. É uma coisa boa de ser vista, que não dá para ser expressa de outra forma a não ser pelo suporte em que ela está”. Cartier-Bresson, na avaliação da especialista, é um clássico, resiste ao tempo, porque sua obra nos toca além da estética (o site da Fundação Henri Cartier-Bresson permite um bom passeio pela obra do artista: <http://www.henricartierbresson.org>).

A boa foto é como uma fresta, um estímulo que pode gerar inúmeras outras narrativas, como textos maravilhosos, pinturas etc., mas nunca é a mera reprodução do outro”, explica Ângela. Por fim, para ela, uma foto de qualidade

tem de ter o poder de um haikai (poesia japonesa, composta de três versos apenas) – “tudo tem de estar ali, condensadamente”, finaliza a professora, destacando as frases como se ela própria recitasse um haikai.

“E assim participamos”

Para o professor Arlindo Machado, não existe uma regra para se analisar uma foto. “Cada uma é um acontecimento singular e a estratégia para analisá-la deve ser buscada a partir dela. Mas uma boa foto sempre sugere seus caminhos de ‘leitura’”, lembra. Algumas, segundo ele, nos surpreendem pela forma inusitada como observam o mundo, outras, por conseguir descobrir pessoas e lugares jamais antes visualizados, outras ainda, por suas qualidades visuais: texturas de branco e preto, contrastes da iluminação, ângulos de visão insólitos etc. “Certas fotos podem nos ajudar a olhar para o mundo de uma forma como nunca olhamos antes, mostrar a beleza do que consideramos feio, ou a feiúra do que convencionalmente chamamos belo. O importante é ter sempre em mente que a foto não é uma mera reprodução do que se vê, mas um ‘discurso’ que o fotógrafo constrói sobre o mundo”, afirma. O fotógrafo Juca Martins, especializado em fotos jornalísticas, diz que uma boa foto é reconhecida com base nos mesmos princípios estéticos que norteiam as obras de arte. “Deve-se levar em conta a composição da imagem – ela tem de fazer sentido, não só esteticamente, claro. O jogo de cores e contrastes, assim

“A imagem fotográfica tem sempre duas realidades, a primeira e a segunda, que é a aparente, a que se dá primeiro. Por meio dela se chega à primeira realidade, que é a história daquela imagem”.

Boris Kossoy



Fotos: Pierre Verger
Coleção Olhar e Ver – Companhia
Editora Nacional / PNBE 2005

como o enquadramento, também são elementos levados em conta numa análise estética”, pondera Martins. O primordial, porém, é sempre a informação, ressalta. Cartier-Bresson, considerado o pai do fotojornalismo, sem dúvida possuía especial talento para congelar o momento em que a importância de um tema se torna exposta por meio de forma, conteúdo e expressão. “A fotografia por si só não me interessa, mas a reportagem sim, a comunicação entre o mundo e o homem com este instrumento maravilhoso do tamanho da mão que nos faz passar despercebidos. E assim participamos”, resumiu, certa vez, Cartier-Bresson, que durante toda sua vida profissional utilizou uma discreta e silenciosa Leica 50. E foi fiel a uma única lente, a de 50 milímetros.

Pedro Martinelli



O instante: Pedro Martinelli captura o mergulho da jovem amazonense no Médio Juruá

Pedagogia da Imagem

A principal qualidade de uma foto, diz o professor Arlindo Machado, é a sua capacidade de nos “dizer” algo que ainda não sabíamos sobre o mundo. “E isso não tem nada a ver com a qualidade técnica da fotografia, em termos de resolução, nitidez e fidelidade das cores.” Uma boa foto, segundo o especialista, é como um bom texto verbal: “Deve ser inteligente, deve acrescentar algo à nossa compreensão do mundo, deve surpreender pela sua capacidade de conseguir nos fazer ver o que antes nunca tínhamos conseguido ver”.

O professor não tem como ignorar o papel que a linguagem audiovisual representa na nossa sociedade. A tecnologia mudou a relação das pessoas com a imagem, portanto, é mais do que necessário que a escola faça uma reflexão pedagógica a respeito da linguagem audiovisual. Para tanto, é fundamental desenvolver, na sala de aula, atividades que trabalhem os mecanismos de tratamento e de recepção crítica da imagem. “A fotografia está na origem de todos os avanços técnicos, eletrônicos e informáticos: cinema, televisão, vídeo. Aprendemos a esperar por elas a cada dia nas páginas dos jornais, nas revistas; espalhadas em *outdoors*, invadem nossos olhos anunciando mercadorias e desejos”, diz Maria José. A pedagoga aponta a necessidade de se desenvolver uma pedagogia da imagem. “Isto se reveste de particular urgência, se considerarmos que boa parte do conhecimento que nossos alunos trazem para a sala de aula é mediado pelos meios de comunicação de massa, em que a imagem tem papel preponderante”.

Pedro Martinelli



O gesto: pescador de peixes ornamentais em Barcelos, no Rio Negro

Pedro Martinelli



Força da natureza: uma tempestade amazônica tinge o céu no Paraná do Mocambo, no Amazonas

Livros sobre Fotografia

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Ateliê Editorial, São Paulo, 2000.

BARBOSA, Ana Mãe. *A Imagem no Ensino da Arte: Anos 80 e Novos Tempos*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudanças Educativas e Projeto de Trabalho*. Artmed, Porto Alegre, 2000.

KELLNER, Douglas. *Lendo Imagens Criticamente: em Direção a uma Pedagogia Pós-Moderna*. Editora Papirus, Campinas, 1999.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

MACHADO, Arlindo. *A Ilusão Especular*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção Visual*. Editora Pioneira-Thomson Learning, São Paulo, 1980.

Na internet

Para saber mais:

<http://www.cotianet.com.br/photo/>

<http://www.imagemagica.org>

(ensina a construir máquina fotográfica com lata)

Para acessar material fotográfico gratuitamente:

<http://www.itaucultural.org.br>

(Caixas de Cultura, Isto é uma Foto?)

<http://www.artenaescola.org.br>

<http://www.enricartierbresson.org>
(fotos de Henri Cartier Bresson)

Jabuti sabe ler e precisa escrever

O estado de estar em permanente aprendizagem possibilita o enriquecimento do ensinar

Jabuti sabe ler,
não sabe escrever,
trepando no pau e não sabe descer
ler, ler, ler e escrever...
(quadrinha popular)

Por Francisco Gregório Filho*

Ouvia minha avó cantar muito essa quadrinha, esse pensamento popular que nos fala sobre nos tornarmos leitores e escritores de nossas histórias. E cá estou, também a escrever.

Minha mãe era professora. Aposentou-se lecionando em escola pública. Gostava do exercício de ensinar. Criou sete filhos. Encontrei em suas coisas um caderno cheio de apontamentos, descrevendo trabalhos que realizou em sala de aula. Esse caderno me estimulou a responder a uma amiga professora que me escreveu carta cheia de questões sobre o ofício de ensinar. Reproduzo aqui minha resposta dirigida a ela, professora também guerreira, que com seu jeito de olhar o mundo, lembra muito minha mãe.

“Querida Dolores,

Fiquei alegre com sua carta. Uma boniteza só. Você é uma boa notícia. Suas histórias de mulher trabalhadora, mãe, educadora e leitora são exemplares. Lendo-as, uma imensa ternura ocupa meu coração e me anima o desejo de pertencer a essa porção da nação que se preocupa com a vontade do povo de exercer sua condição de leitor cidadão. Por um instante acietei-me. Uma lembrança

guardada acordou-me: Minha mãe, professora, num certo horário do dia, em geral à tardinha, recolhia-se num canto da sala para preparar suas aulas. Precisava do silêncio. Minha mãe-professora permanecia uma, duas, até três horas em sua mesinha, envolvida nesses planejamentos. Nós procurávamos não interromper. Sabíamos da importância daquele momento para a harmonia da casa e de suas obrigações de mãe e professora.

Minha mãe gostava de contar lendas para nós e também para seus alunos. Trazia notícias de um Brasil cultural por meio dessas histórias dos povos da floresta, do cerrado, das montanhas, e das praias do litoral. Contava que se inspirava em práticas educativas adquiridas na convivência com alguns mestres e em leituras. Lembro dela sempre se referir a nomes como Cecília Meireles, Villa-lobos, Câmara Cascudo, Paulo Freire, entre outros.

Sabíamos depois, por seus comentários em casa, das histórias, das brincadeiras e também das cantigas desenvolvidas com as crianças da escola. Resultado dos planejamentos. Constantemente a questão da leitura era explicitada por ela. Trazia suas vivências de leitura em grupo, das leituras silenciosas, das rodas de leituras, experimentadas

com alunos e professores. Muitas vezes a percebia relatando como conquista essas experiências de poder se reunir com seus colegas para leituras sobre diferentes temas. Falava como se fosse uma grande vitória.

Pensando sobre aqueles tempos, devia ser mesmo. Fico me perguntando se hoje é possível para os professores empreenderem uma ação assim. Reunir-se com regularidade para leitura de poemas, fábulas, contos e mitos? Será possível ainda hoje testemunhar em escolas brasileiras essas cenas? Educadores reunidos comentando suas leituras, será possível? Em que tempo? Professores dedicando uma parte de sua carga horária para leituras e a intimidade com a literatura?

Preciso confirmar essa cena com meus próprios olhos.

Você, Dolores, é uma presença inquieta, indignada, amorosa e inventiva que meu coração deseja e precisa sempre acolher com amizade.

No meu imaginário, Dolores, vejo você também como uma professora que sempre planeja suas aulas, temperando-as com histórias, brincadeiras e cantigas. Você, também professora-mãe, aprendente. Com seus momentos de recolhimento para a conquista do silêncio interior tão necessário para repor energias e para a convivência criadora com as crianças em casa e na escola. Esse estado de estar em permanente aprendizagem possibilita o enriquecimento

do ensinar: um gesto, uma escuta. Uma cantiga, um abraço, um compartilhar o olhar, uma oração, uma leitura em voz alta, umas reflexões com o outro, uma notícia boa, uma escrita, uma brincadeira, uma dança, um silêncio, uma expressão, uma crônica, uma poesia...

Faz-se necessário muito esforço. Agindo, reagindo e interagindo como ser integrante da natureza e como ser que quer se integrar às culturas. Produtor crítico e inventivo de leitura.

Meu abraço,
Gregório"

**Contador de Histórias e Escritor.
Titular da Política Cultural do Acre em
2004 e 2005.*





Lúiz Dantas

Sim, os jovens lêem

O brasileiro de 15 a 24 anos lê mais histórias de ficção e poesia que o adulto. Supera em leitura semanal de revistas e lê quase tanto jornal quanto seus pais, professores e demais adultos. A análise de pesquisas como o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional 2005 e do PISA 2000 ajudam a derrubar frases que se tornaram mitos, como “os jovens não lêem mais” ou “não se interessam por leitura”. Correto seria dizer assim: os jovens lêem mais.

Por Vera Masagão Ribeiro

Para fazer um trabalho educativo eficiente, é fundamental ter uma visão clara sobre o contexto em que se vai intervir. Isso é especialmente válido em relação às práticas e políticas de incentivo à leitura, pois esse é um tema sobre o qual há muitos pressupostos que não correspondem à realidade dos fatos. Por exemplo, é comum ouvir dizer que os jovens não se interessam pela leitura. Será mesmo verdade? Em que situações? Em que grupos sociais? Que tipos de leitura interessam mais ou menos?

Com o objetivo de dar respostas a perguntas como essas foi criado o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf). Trata-se de uma pesquisa realizada anualmente, desde 2001, focalizando as habilidades e práticas de leitura da população brasileira entre 15 e 64 anos. Essa pesquisa é realizada por duas organizações não-governamentais, a Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro, com o objeto de mostrar aos educadores e à sociedade em geral a situação da população quanto a esse que pode ser considerado o principal resultado da escolarização: a capacidade de usar a leitura e a escrita para se inserir com autonomia na sociedade, usando-a como ferramenta de trabalho, aprendizagem, diversão e desenvolvimento cultural. O Inaf, portanto, parte de uma visão ampla da leitura e escrita, aquela que normalmente é associada ao conceito de letramento.

Um primeiro fato que a pesquisa Inaf confirma, concordando com várias outras pesquisas internacionais, é que a leitura é a prática cultural mais diretamente ligada à escolaridade. Por mais que a escola brasileira tenha seus problemas, ela representa um enorme diferencial para quem consegue permanecer nela por mais tempo, tanto na capacidade quanto na prática da leitura.

Arquivo



“Apesar das deficiências da escola brasileira quando comparada a de outros países, os jovens brasileiros, muito mais que outros de países desenvolvidos, valorizam a leitura como prática cultural.”

Por meio da aplicação de um teste, onde as pessoas têm que resolver problemas cotidianos por meio da leitura de uma revista criada especialmente para o teste, o Inaf classifica a população brasileira de 15 a 54 anos quanto ao seu nível de habilidade de leitura. Segundo os resultados de 2005, 7% estão na condição de analfabetismo absoluto, ou seja, não conseguem decodificar as palavras; outros 30% sabem ler, mas num nível muito rudimentar, só conseguem localizar uma informação muito explícita num texto breve, como um cartaz ou bilhete. Essas pessoas são chamadas muitas vezes de analfabetas funcionais, mas não consideramos esse termo correto, pois o pouco que a pessoa sabe pode ser útil e importante para ela. O que é certo dizer é que essas pessoas têm um nível muito rudimentar de leitura e por isso fazem um uso muito restrito dessa capacidade no dia-a-dia, considerando as possibilidades abertas pela sociedade moderna. Estão nesse nível quase todas as pessoas que não conseguiram completar a 4ª série e uma boa parte dos que não completaram o ensino fundamental.

A maior parte da população tem o que chamamos um nível básico (38%), essas pessoas conseguem localizar uma informação num texto, mesmo que seja necessário alguma inferência. Nesse nível já é bem difícil chegar sem ter completado a 8ª série. No outro pólo, temos as pessoas que têm um nível pleno de alfabetismo, ou seja, têm a capacidade de usar o texto como uma ferramenta de informação, aprendizagem e trabalho, realizando operações cognitivas mais complexas, como comparar, relacionar e inferir. Esse grau de habilidade, entretanto, corresponde a somente 26% da população brasileira de 15 a 64 anos, na sua grande maioria pessoas que têm nível médio ou superior de escolaridade, que lêem jornais além de diferentes tipos de livros.

Jovens lêem melhor que adultos

A expansão da escola pública no Brasil é muito recente, e as gerações têm sucessivamente mais escolaridade que as anteriores. Por isso, de forma geral, os jovens lêem melhor que os adultos brasileiros. Mesmo quando comparamos os jovens e adultos com uma escolaridade semelhante muitas dessas diferenças se mantêm. Assim, o mito de que o jovem não lê ou não gosta de ler cai por terra. É certo que alguns tipos de leitura interessam mais aos jovens do que outras; por exemplo, o Inaf mostra que os jovens lêem mais livros de ficção e poesia que os adultos, enquanto esses preferem o jornal e os livros religiosos. O computador, que cada vez mais se impõe como suporte dos mais diversos textos para leitura, ainda não é acessível à grande maioria da população, mas é principalmente entre os jovens que seu uso é mais freqüente. O quadro abaixo mostra algumas práticas e preferências de leitura, segundo a faixa etária.

Alto interesse pela leitura

Pesquisas internacionais também mostram alguns aspectos curiosos sobre a relação dos jovens brasileiros com a leitura. Muito se divulgou na imprensa o fato de que o Brasil ficou em último lugar no PISA de 2000, um estudo internacional que comparou as habilidades de leitura de estudantes de 15 anos em

32 países. Mas além do teste de habilidades, o PISA coletou outras informações relevantes, que foram pouco divulgadas. Uma delas é que em termos de interesse pela leitura, os jovens brasileiros ficaram entre os primeiros, ao lado de países como Finlândia e Dinamarca, enquanto que jovens de países campeões nos testes, como os japoneses e sul-coreanos, ficaram “na lanterna”. Isso quer dizer que, apesar das deficiências da escola brasileira quando comparada a de outros países, os jovens brasileiros, muito mais que outros de países desenvolvidos, valorizam a leitura como prática cultural.

Ouvir os alunos

Resultados como esse podem parecer paradoxais à primeira vista, mas são compreensíveis se consideramos essa perspectiva ampla de letramento, que abarca diferentes usos da leitura e escrita. Na França, onde praticamente todos os jovens têm acesso à educação secundária, as pesquisas mostram que, de fato, vem diminuindo o interesse dos jovens pelas leituras literárias e pelas leituras em profundidade. Por outro lado, ganham espaço as leituras descontínuas, informativas e práticas, para as quais o computador é a principal ferramenta.

Diante desse quadro, o que os educadores podem fazer? Em primeiro lugar, procurar ouvir o que seus alunos pensam sobre a leitura, suas prefe-

Práticas de leitura da população brasileira, segundo a faixa etária (Inaf 2005)

	15 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 49 anos	50 a 64 anos
Gosta de ler para se distrair	74%	72%	65%	62%
Lê livros (romance, aventura, ficção)	41%	33%	23%	21%
Lê livros (poesia)	22%	17%	10%	11%
Lê Bíblia, livros religiosos	35%	47%	51%	47%
Lê jornais pelo menos uma vez por semana	33%	39%	36%	35%
Lê revistas pelo menos uma vez por semana	36%	33%	24%	17%
Usa computador pelo menos uma vez por semana	30%	20%	13%	6%

O PISA mediu o interesse pela leitura: os jovens brasileiros ficaram entre os primeiros, ao lado de países como Finlândia e Dinamarca, enquanto que jovens de países campeões nos testes, como Japão e Coreia do Sul, ficaram “na lanterna”.

rências e juízos de valor. Jamais tachar, de antemão, os alunos de desinteressados, preguiçosos etc. Em segundo lugar, não renunciar ao papel de educador, que é garantir que todos os alunos, independentemente da classe social, conheçam e experimentem as diferentes manifestações culturais – livros, revistas, jornais e sites – mas em especial as de mais qualidade, no universo da literatura (entre outras artes), da filosofia, da história, das ciências. Na escola, o jovem precisa fazer certas leituras obrigatórias, mas deve também ser incentivado a fazer suas próprias escolhas, identificar seus gostos e sua vocação, com base em suas vivências dentro e fora da escola. Os professores e professoras têm aí, e as pesquisas também mostram isso, uma influência decisiva.

Vera Masagão Ribeiro é doutora em Educação pela PUC de São Paulo e coordenadora da ONG Ação Educativa.

Referências bibliográficas:

Sobre o INAF:

Ação Educativa & Instituto Paulo Montenegro. 5º *Indicador de Alfabetismo Funcional*. <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/inaf05.pdf>

Análise detalhada dos resultados do PISA:

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). *Conhecimentos e atitudes para a Vida: resultados do PISA 2000*. São Paulo: Moderna, 2003.

Sobre os estudos franceses:

Chartier, Anne-Marie. *Enseñar a leer y escribir. Una aproximación histórica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.





Luz Dantas

A leitura de cada dia

Uma atividade permanente de leitura pode começar com uma semana de leitura de contos populares. Daí, se eles gostarem...

Por Maria José Nóbrega,
consultora pedagógica de **LeituraS**

Ler histórias para crianças é uma prática importante para despertar nelas a curiosidade e a imaginação, como também para estimulá-las a refletir sobre temas delicados e complexos da experiência humana. Esta prática, se regular, faz com que as crianças construam um repertório de histórias, aprendam como funciona a linguagem que se usa para escrever, mas, principalmente, encontrem espaço para expressar seus medos e inquietações.

A seguir, avalie algumas sugestões para organizar com sua turma uma Atividade Permanente de Leitura. A proposta é que sejam ações que se repitam de modo regular (por exemplo, diariamente ou semanalmente), com a finalidade de permitir a convivência freqüente e intensa com diferentes gêneros de textos, proporcionando aos estudantes oportunidades de experimentar variados modos de leitura, desenvolvendo, assim, estratégias diversificadas de leitura.

- 1. Leitura e troca de impressões:** Selecione quatro histórias: uma para ser lida na segunda-feira; outra, na terça-feira; outra, na quarta-feira e uma última para a quinta-feira. Proceda à leitura em voz alta da história e, após concluí-la, promova uma conversa para que os estudantes troquem impressões a respeito do conto ou relatem experiências pessoais relacionadas ao tema das histórias lidas, como a raiva, a inveja, o medo, a compaixão etc.
- 2. Entendendo um Sumário:** Desafie-os a localizar em que página está a história que você vai ler naquele dia (providencie cópias do sumário do livro para realizar a atividade).
- 3. Ficha de Avaliação:** A cada dia, após a leitura, peça aos estudantes para registrar o título da história na ficha de apreciação (conforme o modelo abaixo), assinalando a coluna correspondente à avaliação que fizeram da história: gostaram dela, não gostaram?

Atividade Permanente – Leitura de Contos Tradicionais

Leitor: _____				
Turma: _____				
Título do conto	Data da leitura	Apreciação		
		Não gostei	Gostei	Gostei muito!
Pedro Malasartes e o Lamaçal Colossal				
O Jabuti e o Caipora				
A Vida do Gigante				
Poltrona de Piolho				
Os Figos da Figueira				
Pedro Malasartes e o Surrão Mágico				
A Galinha Ruiva				
O Jabuti e o Teiú				
O Boneco de Piche				
Pedro Malasartes e a Sopa de Pedra				

Os dez títulos relacionados na tabela acima, como exemplo, fazem parte do livro *Histórias à Brasileira. Pedro Malasartes e outras*, recontados por Ana Maria Machado, Companhia das Letrinhas (PNBE 2005 / Acervo 06).

Na sexta-feira, proceda à escolha da história preferida da turma para ser lida outra vez. Chame esse dia de “Vale a pena ler de novo”. Ler várias vezes uma mesma história é importante para que os leitores iniciantes aprendam a diferença entre ler e contar uma história: ao ler, as palavras não mudam, são sempre as mesmas; ao contar, acabamos usando outras palavras e a história nunca sai exatamente igual.

Leituras de um geógrafo

Aziz Ab'Sáber analisa alguns livros fundamentais para se compreender o Brasil, suas terras e suas gentes

Professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e professor honorário do Instituto de Estudos Avançados da mesma universidade, o geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber descobriu, nos últimos anos, uma nova vocação: semeador de bibliotecas. Já são 33 bibliotecas comunitárias que ele conseguiu criar, com a ajuda de um frenético “agitador cultural”, Devanir Amâncio. Os dois coletaram milhares de livros, que por sua vez formaram dezenas de salas de leitura em bairros pobres da periferia paulistana, sem qualquer subsídio ou ajuda de governos ou empresas. Aziz e Amâncio perceberam que muitos habitantes dos novos apartamentos de classe média paulistana precisavam se desfazer de seus livros para ocuparem espaços cada vez mais reduzidos. Angariando parcerias entre o comércio local, que funcionava como posto de coleta provisório, em poucas semanas tinha-se um variado (e, muitas vezes, surpreendente) acervo. Uma das bibliotecas comunitárias foi montada em um abrigo para sem-tetos no Glicério, a decadente região central de São Paulo conhecida como “crackolândia”. Outras foram criadas em escolas de samba. Além da experiência de criador de espaços de leitura em ambientes nos quais o livro não costuma freqüentar (mas quando chega, dá até samba...), **LeituraS** buscou saber do professor Aziz Ab'Sáber, nesta entrevista concedida ao jornalista **Ricardo Prado**, o que ele tem a dizer a seus colegas professores de Geografia sobre livros reveladores do Brasil.

O que é um bom acervo de livros

“Cada biblioteca, seja ela em uma escola ou numa comunidade, deve ter em seus livros um mosaico cultural representativo de um acervo geral e, também, da realidade na qual está inserida. Eu diria, resumidamente, que precisaria contar com a presença de livros infantis, dicionários e uma coleção variada de livros didáticos de interesse de estudantes de todas as séries. Da ficção nacional eu destacaria como importantes a presença de autores regionais, como José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Jorge Amado. Isso é mais importante ainda num contexto como o da cidade de São Paulo, onde você encontra pessoas que vieram de diferentes regiões do Brasil. Se for possível, deve-se ter as obras completas de alguns escritores fundamentais, como Machado de Assis ou Monteiro Lobato.”

A literatura e o futuro geógrafo

“Sempre gostei muito de ler. Mas dentre os livros que me empurraram para a profissão de geógrafo eu destacaria a primeira parte de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, “A Terra”. Lá o autor usa uma linguagem às vezes muito técnica, mas poetizada. Ele era um intelectual de grande variedade de conhecimentos, e nesta primeira parte do livro descreve o mundo físico da região de Canudos. Outros autores importantes para mim foram Graciliano Ramos, José Cândido de Almeida, quase tudo do Jorge Amado e o Érico Veríssimo, mostrando o cenário do Sul do país. Em matéria de poesia, Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade.”

Geografia de Graciliano Ramos

“Uma vez eu peguei um trecho do livro *Infância*, de Graciliano Ramos, para colocar no vestibular da USP, no qual ele narrava a viagem, com sua família, do sertão até a costa alagoana. No livro isso começa com a família andando no leito seco de um rio, que ele

Entrada da baía do Rio de Janeiro: Debret registrou o Pão de Açúcar, o Corcovado e o Morro da Mesa



chama de “rio cortado”. E marcharam, e marcharam pelo leito seco até que começou a surgir um filetezinho de água, vegetação na beira do rio, variada, e, de repente, a família chegava a um verdadeiro rio, de água corrente. Reproduzimos aquele trecho e pedimos ao aluno para identificar quais eram os três ambientes ecológicos descritos naquele trecho, ou seja, o sertão, o agreste e a zona da mata. Graciliano Ramos, para mim, é um gênio, e tem um duplo valor: literário e como relato do mundo físico e social.”

Uma brasileira fundamental

“Os grandes ensaístas brasileiros, aqueles que buscaram entender e revelar o Brasil, fazem parte do acervo básico de uma boa biblioteca. Nesta lista entrariam Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Fernando de Azevedo, Nelson Werneck Sodré, Artur César Ferreira Reis, Antonio Cândido, Paulo Prado, Sérgio Milliet e outros.”

O Brasil dos viajantes

“Eu recomendaria, em primeiro lugar, os livros de Saint Hillaire. Também selecionaria alguns trechos feitos por Elizabeth Cabot Agassiz, esposa do Louis Agassiz no livro *Viagem ao Brasil, 1865-1866* (Ed. Itatiaia). Nessas obras há, por exemplo, descrições primorosas da vida cotidiana do Rio de Janeiro. Charles Darwin também tem observações interessantes sobre o Brasil, principalmente no Recife, onde ele conta ter se hospedado em um hotel de onde, à noite, ouvia os gritos dos escravos sendo açoitados no porão do casarão vizinho. Saiu daqui horrorizado com a escravidão. Há também Spix e Martius, com os três tomos de *Viagem pelo Brasil 1817-1820* (Ed. Itatiaia). Todos trazem relatos maravilhosos, principalmente das regiões de mata atlântica.”

Alfabetização cartográfica

“Acho que toda sala de aula deveria ter, pelo menos, um mapa do Brasil, e um início do trabalho de compreensão de mapas pode ser feito pedindo para que cada um na classe encontre a cidade e o estado de onde veio seu pai ou sua mãe. O motivo da vinda (“porque lá era muito seco, se for no sertão do Nordeste, por exemplo”) já traz novas informações para se compreender aquele mapa.”

A leitura do espaço

“No primeiro dia de aula na Faculdade de Geografia nós fizemos uma excursão de campo para a região de Sorocaba, Itu e Campinas. A viagem estava marcada para as 8h30 da manhã e eu cheguei às 6h30, de tão ansioso que estava. Naquela aula ao ar livre eu percebi que sabia fazer aquilo: ler uma paisagem, interpretá-la. Até então, só conhecia São Luis do Paraitinga e Caçapava, para onde me mudei com seis anos de idade. A partir da faculdade, todo carnaval eu passei a excursionar e conhecer algum pedaço do Brasil, junto com meu amigo Miguelzinho, filho do general Miguel Costa, um dos líderes da Coluna Prestes. Inclui longas excursões a pé, como a que fizemos de Maringá até Salto, no interior de São Paulo, seguindo os trilhos da [ferrovia] Sorocabana.”

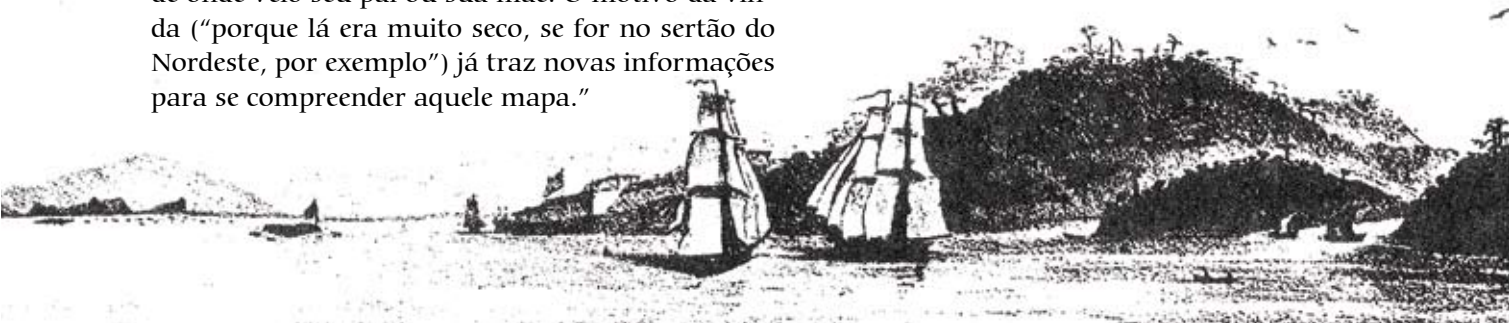
Domínios da natureza

“Existem vários bons livros sobre a natureza brasileira e seus ecossistemas. Começaria com um livro precioso para se conhecer o Brasil que, infelizmente, se encontra esgotado: *Ecologia – Temas e Problemas Brasileiros* (Ed. Itatiaia), do Mario Guimarães Ferri. Dele também há *Ecologia Brasileira* e *Ecologia Geral*, todos muito bons. Dentre os meus, prefiro *Domínios da Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas*.”

Função da biblioteca

“É um espaço essencialmente formador, de formação de cultura, não é lugar para se fazer exercício de lição de casa. Defendo a ‘desescolarização’ da biblioteca escolar, que deve atuar na aquisição de cultura por parte do aluno, dando acesso e incentivo para que ele próprio descubra.”

Principais obras de Aziz Ab'Saber: *Amazônia, do discurso à práxis*. Edusp, São Paulo, 1996. *Época colonial: do descobrimento à expansão territorial*, História Geral da Civilização Brasileira – Tomo 1, Difel, São Paulo, 1981. *Domínios da Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas*. Ed. Ateliê, Cotia, 2003.



As Cocadas

Cora Coralina

Eu devia ter nesse tempo dez anos. Era menina prestimosa e trabalhadeira à moda do tempo.

Tinha ajudado a fazer aquela cocada. Tinha areado o tacho de cobre e ralado o coco. Acompanhei rente à fornalha todo o serviço, desde a escumação da calda até a apuração do ponto. Vi quando foi batida e estendida na tábua, vi quando foi cortada em losangos.

Saiu uma cocada morena, de ponto brando atravessada de paus de canela cheirosa. O coco era gordo, carnudo e leitoso, o doce ficou excelente. Minha prima me deu duas cocadas e guardou tudo mais numa terrina grande, funda e de tampa pesada. Botou no alto da prateleira.

Duas cocadas só... Eu esperava quatro e comeria de uma assentada oito, dez, mesmo. Dias seguidos namorei aquela terrina, inacessível. De noite, sonhava com as cocadas. De dia as cocadas dançavam pequenas piruetas na minha frente. Sempre eu estava por ali perto, ajudando nas quitandas, esperando, aguando e de olho na terrina.

Batia os ovos, segurava gamela, untava as formas, arrumava nas assadeiras, entregava na boca do forno e socava cascas no pesado almofariz de bronze.

Estávamos nessa lida e minha prima precisou de uma vasilha para bater um pão-de-ló. Tudo ocupado. Entrou na copa e desceu a terrina, botou em cima da mesa, deslemburada do seu conteúdo. Levantou a tampa e só fez: Hiiii...

Apanhou um papel pardo sujo, estendeu no chão, no canto da varanda e despejou de uma vez a terrina.

As cocadas moreninhas, de ponto brando, atravessadas aqui e ali de paus de canela e feitas de coco leitoso e carnudo guardadas ainda mornas e esquecidas, tinham se recoberto de uma penugem cinzenta, macia e aveludada de bolor.

Aí minha prima chamou o cachorro: Trovador... Trovador... e veio o Trovador, um perdigueiro de meu tio, lerdo, preguiçoso, nutrido, abanando a cauda. Farejou os doces sem interesse e passou a lamber, assim de lado, com o maior pouco caso.

Eu olhando com uma vontade louca de avançar nas cocadas.

Até hoje, quando me lembro disso, sinto dentro de mim uma revolta – má e dolorida – de não ter enfrentado decidida, resoluto, malcriada e cínica, aqueles adultos negligentes e partilhado das cocadas bolorentas com o cachorro.

Direitos Imprescritíveis do Leitor

Por Daniel Pennac

1. O direito de não ler.
2. O direito de pular páginas.
3. O direito de não terminar um livro.
4. O direito de reler.
5. O direito de ler qualquer coisa.
6. O direito ao bovarismo.
(doença textualmente transmissível)
7. O direito de ler em qualquer lugar.
8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
9. O direito de ler em voz alta.
10. O direito de calar.

(extraído de *Como um Romance*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1997)

